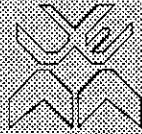


3013
Alb

PPV.123

PPV.123



Universidade Eduardo Mondlane
Faculdade de Agronomia e de Engenharia Florestal
Departamento de Produção e de Protecção Vegetal

Trabalho
de
Licenciatura

17685

Mulheres no Desenvolvimento Agrícola

Estudo sobre as Actividades Agrícolas com
enfoque no papel da mulher na Aldeia de
Djavanhane, Distrito de Guijá

Supervisor
Jacques de Graaf
(Sistemas de Produção e Extensão)

Carla ALBINO

Maputo, Outubro 1996



Dedicatória

Dedico este trabalho às mulheres moçambicanas, especialmente as mulheres de Djavanhane na sua difícil tarefa de luta pelo desenvolvimento agrícola da região.

Agradecimentos

Ao engenheiro Jacques de Graaf que de uma forma dedicada orientou a realização deste trabalho.

Ao projecto FML (Federação Mundial Luterana) em especial na pessoa do coordenador Sr. Pascoal pelo apoio que prestaram para que o trabalho se realizasse.

Ao Francisco, Nordine, Elisa, Johane e Maximiano extensionistas e motivadores do projecto FML e Felisardo Felisberto técnico da Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal que me acompanharam na recolha de dados no campo.

Ao projecto PSW pelo apoio prestado.

A família Macamo.

E finalmente a todas as pessoas que, de uma forma directa ou indirecta, contribuíram para que a realização deste trabalho fosse possível.

Resumo

O Distrito de Guijá tem como actividade potencial para o seu possível desenvolvimento a agricultura. A sua população é basicamente campestre sobrevivendo a base da agricultura de subsistência. Contudo as seis épocas agrícolas passadas foram assoladas por calamidades naturais deixando a população numa situação de fraca segurança alimentar e consequentemente destruindo a rede comercial no Distrito e fazendo com que haja escassês de sementes.

A criação animal que outrora desapareceu com a guerra, actualmente já é notável o seu repovoamento.

O projecto Federação Mundial Luterana que tem realizado actividades de beneficiamento a esta população na área da agricultura, saúde, educação e assistência social e a Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal propuseram a realização deste trabalho que tem como tema "*Mulheres no Desenvolvimento Agrícola ; o estudo das actividades agrícolas com enfoque no papel da mulher na aldeia de Djavanhane, Distrito de Guijá*".

O trabalho teve a seguinte orientação: revisão bibliográfica, uma visita exploratória ao Distrito em que se efectuou contactos com a Direcção Distrital da agricultura, a Federação Mundial Luterana e a aldeia de Djavanhane, onde se efectuou algumas entrevistas informais para nos inteirarmos da situação agrícola do Distrito. Numa fase seguinte foram feitas 52 entrevistas informais baseadas num guião pré elaborado com ajuda do modelo de Swift (vêr pag. 3) com o objectivo de quantificar algumas informações recolhidas durante a visita exploratória. Ainda foi elaborado um pequeno estudo de caso da família que hospedou o aluno durante a recolha de dados.

Com a realização deste trabalho foi possível descobrir que na aldeia de Djavanhane as mulheres têm responsabilidades nas actividades de produção, reprodução e comunitárias trabalhando por vezes em condições precárias. Existem mulheres com situações familiares diferentes, de salientar casadas com marido presente, casadas com marido ausente, poligamia com marido presente, poligamia com marido ausente, divorciadas e viúvas com condições de vida e hábitos por vezes diferentes, e com diferentes opiniões sobre os aspectos comunitários e sociais da aldeia. Por isso os projectos de apoio e de desenvolvimento rural que actuam na aldeia devem lidar com as mulheres não como grupos homogénios, mas como grupos heterogénios com particularidades distintas, e toda e qualquer melhoria da vida das mulheres só pode ser feita se se analisar a maneira em que a vida das mulheres e dos homens se interligam numa dada sociedade.

Índice

1. Introdução	1
1.1 Objectivos	2
1.2 Metodologia	2
1.2.1 Apresentação do método de análise dos dados	3
2. Questões do género	5
2.1 Introdução	5
2.2 O conceito do género	5
2.2.1 Papel reprodutivo	7
2.2.2 Papel produtivo	7
2.2.3 Papel de gestão comunitária	8
2.2.4 Papel de política comunitária	8
2.2.5 Necessidades do género	8
2.3 Factores que afectam as relações entre homens e mulheres	9
2.4 Aspectos do género na sociedade moçambicana	11
3. A situação agrícola no Distrito de Guijá	18
3.1 Introdução	18
3.2 Agricultura no distrito de Guijá	18
3.3 A Direcção Distrital de Agricultura (DDA)	20
3.4 O projecto da Federação Mundial Luterana (FML)	22
3.5 Actividades e dificuldades principais que os extensionistas da DDA e do projecto FML enfrentam	23
4. A aldeia de Djavanhane	25
4.1 Introdução	25
4.2 Aspectos gerais	25
4.3 Produção Agrícola	26
4.4 Produção animal	28
4.5 Processamento e alimentação	29
4.6 Armazenagem, Reivendicações e Investimento	30
4.7 Estratégias de sobrevivência	31
5. Aspectos do Género	33
5.1 Introdução	33
5.2 Actividades de produção	34
5.3 Actividades de reprodução	35
5.4 Actividades comunitárias	35
5.5 Análise de actividades e divisão das tarefas	36
5.6 Acesso aos recursos	38

5.6.1 Terra	38
5.6.2 Criação animal	39
5.6.3 Utilização da tracção animal	40
5.6.4 Cólheita, Armazenagen e Controlo	42
5.7 As categorias de situação familiar	43
5.7.1 A categoria das casadas com marido ausente (9)	43
5.7.2 A categoria das casadas com marido presente (22)	44
5.7.3 A categoria de poligamia com marido ausente (4)	44
5.7.4 A categoria de poligamia com marido presente (5)	44
5.7.5 A categoria das divorciadas (2)	45
5.7.6 A categoria das viúvas (10)	45
5.8 Aspectos comunitários e sociais	47
5.8.1 As razões mencionadas para serem á favor da poligamia	48
5.8.2 As razões mencionadas por serem contra a poligamia	49
5.8.3 Razões mencionadas por serem á favor do <i>lobolo</i> :	49
5.8.4 Razões por serem contra o <i>lobolo</i> :	49
6. Estudo de caso	50
7. Conclusões e recomendações	54
7.1 Conclusões	54
7.2 Recomendações	55
8. Avaliação e lições	58
Bibliografia	59

Lista das tabelas

Tabela 1:	Apresenta o número total de cada espécie animal existente na aldeia e o número de famílias com as respectivas espécies (Fonte: projecto FML, 1995).	28
Tabela 2:	Frequência do número de membros por categorias chefiadas pelas mulheres e pelos homens	33
Tabela 3:	Divisão das diversas actividades entre mulheres e homens.	37
Tabela 4:	Número de agregados familiares chefiados por mulheres e por homens em relação á destribuição de terra por hectares	38
Tabela 5:	Número de agregados familiares chefiados por mulheres e por homens que possuem as diferentes espécies animais. . . .	40
Tabela 6:	Utilização da tracção animal por famílias chefiados por mulheres e por homens.	41
Tabela 7:	As categorias de situação familiar	43
Tabela 8:	Resumo das áreas mencionadas por subcategorias de famílias.	46
Tabela 9:	Número de agregados familiares chefiados por mulheres e por homens que falam nas reuniões.	47
Tabela 10:	Resumo das actividades diárias da família Macamo.	53

Lista das figuras

Figura 1:	O modelo de Swift (em Drinkwater, 1995).	3
Figura 2:	As principais determinantes que podem afectar o relacionamento entre homem e mulheres dentro de uma sociedade	10

Anexos

Anexo 1:	Guia das perguntas	61
Anexo 2:	Mapa da aldeia	63
Anexo 3:	Quadro geral da aldeia	64

1. Introdução

Este documento é o resultado de um estudo feito em 1996 na Aldeia de Djavanhane, no distrito de Guijá sendo um estudo sobre as actividades agrícolas com enfoque no papel das mulheres na aldeia de Djavanhane.

O tema emergiu em 1994 de um Diagnóstico Rápido Rural que foi feito no distrito de Guijá pelos docentes da Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal (FAEF) e representantes de outras instituições como Instituto Produção Animal (IPA)(FAEF/IPA, 1994) e a Direcção Distrital de Agricultura (DDA). Um dos resultados deste estudo indicou que as mulheres jogam um papel muito importante na produção agrícola (sector familiar) mas poucos conhecimentos sobre as actividades das mesmas são conhecidas. Por exemplo em Moçambique poucos estudos foram feitos em relação ao papel da mulher na agricultura, especialmente no sector familiar que esta a ganhar interesse pela sua importância na economia nacional do país.

O projecto Federação Mundial Luterana (FML) está envolvido num programa de desenvolvimento no distrito de Guijá e tem como um dos objectivos assistir a população na área da agricultura para assegurar auto-subsistência e sustentabilidade.

Por isso este documento refletirá um estudo feito na Aldeia de Djavanhane das actividades agrícolas com atenção para o papel das mulheres na produção agrícola e subsistência do agregado familiar. Pretende-se com este estudo apresentar informação que contribua para a análise do papel da mulher nas actividades agrícolas na aldeia de Djavanhane e tentar alcançar os assuntos mais candentes que afectam a sua condição de vida e de trabalho na agricultura.

O relatório tratará dos seguintes assuntos: inicialmente uma pequena introdução onde será apresentado os objectivos do trabalho e a metodologia, seguida pela apresentação do método de análise dos dados, um quadro teórico sobre o conceito do género e o papel da mulher na sociedade Moçambicana assim como os factores que afectam as relações homen/mulher.

Depois entrou-se na descrição geral da situação agrícola do distrito e consequentemente descrição da aldeia onde se efectuou o estudo.

Será ainda feita a análise dos aspectos do gênero (divisão do trabalho entre homens, mulheres e crianças nas actividades de produção), uma atenção às categorias de situação familiar que se encontrou na aldeia, e elaborado um estudo de caso da família que hospedou o estudante durante o período de recolha de dados. Por fim tirar-se-á conclusões e recomendações atingidas com o trabalho assim como uma avaliação e licções que esta pesquisa gerou.

1.1 Objectivos

Os objectivos do estudo são os seguintes:

- Descrever e analisar as diferenças nas actividades de produção agrícola e no lar dos agregados familiares (entre homens e mulheres).
- Descrever as actividades agrícolas na aldeia com enfoque no papel da mulher e as suas estratégias de sobrevivência.
- Propôr algumas recomendações para a participação das mulheres no processo de desenvolvimento rural.

1.2 Metodologia

Baseando-se no Diagnóstico Rapido Rural (Boon *et. al*, 1994) um levantamento dos dados foi efectuado para aprofundar os conhecimentos sobre a situação das mulheres ou mais especificamente sobre os aspectos de gênero no campo agrícola.

O estudo foi feito em três fases. A primeira fase, que foi contínua durante o trabalho, consistiu de uma revisão bibliográfica. A segunda fase consistiu de uma visita exploratória em que se baseou num diagnóstico informal feito ao Distrito. Um diagnóstico informal é um processo de aprendizagem e tenta gerar informação para a descrição geral e análise das actividades agrícolas na aldeia. Uma compreensão da situação agrícola e social na aldeia foi importante para melhor compreender os aspectos gerais, sistemas de produção assim como o modo de vida naquela sociedade.

Nesta fase também foram feitas entrevistas semi-estruturadas com representantes da FML e da DDA, e observações directas no campo.

A terceira fase inclui um inquerito baseado num guião (em anexo 1) com o objectivo de quantificar algumas das informações obtidas durante a segunda fase e ainda foi feito um estudo de caso (da família que hospedou o estudante). O trabalho de campo, incluindo as entrevistas e preparações foi feito em 4 semanas. Os agregados familiares foram seleccionados aleatoriamente e as entrevistas foram feitas com as mulheres.

1.2.1 Apresentação do método de análise dos dados

Para orientar o trabalho informal da segunda fase o modelo de Swift (em Drinkwater, 1995) (vêr pag. 3) foi adoptado para compreender melhor o sistema de produção incluindo processos de produção e consumo. Este modelo facilita descrever o fluxo dos recursos e interacções nos agregados. Segundo Drinkwater (1995) o modelo de Swift também funciona como um guião para analisar as informações recolhidas e também permitirá explorar diferentes temas. O modelo foi especialmente usado como guião para descrever e analisar as actividades agrícolas.

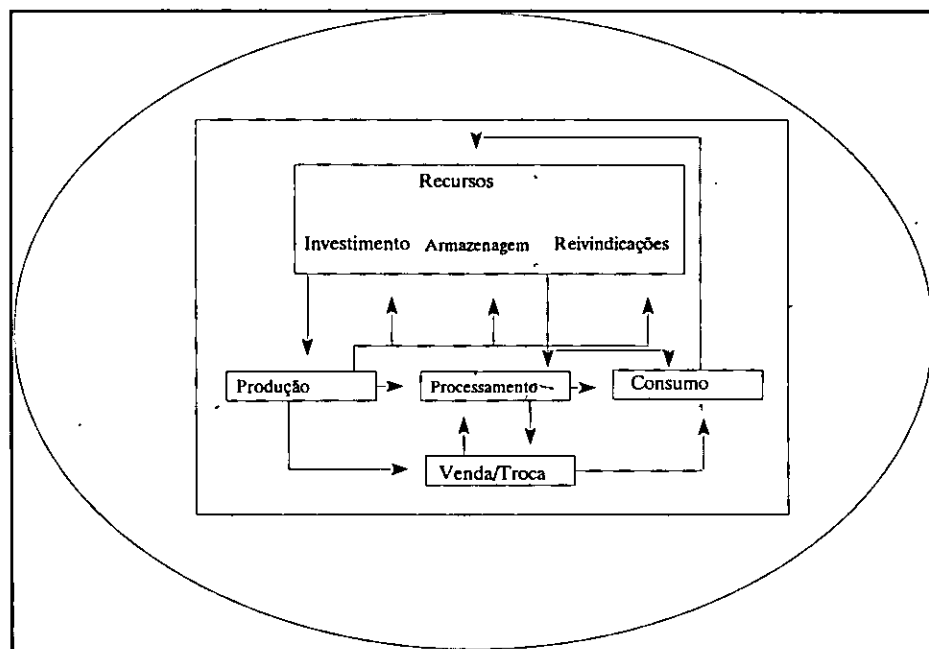


Figura 1: O modelo de Swift (em Drinkwater, 1995).

O modelo de Swift pode servir como um guião que nos permite analisar a situação da produção agrícola e o modo de vida de um agregado familiar. Serve como um guia para entrevistas informais e é a base para analisar a informação colhida, ao mesmo tempo permite explorar diferentes temas.

Dá um enfoque nas ligações entre as componentes (as setas) do modelo para nos ajudar a compreender o fluxo dos recursos dentro de um sistema (aldeia ou agregado familiar) e compreender os princípios que estão por detrás das tomadas de decisões sobre os recursos a usar.

Baseando-se no modelo de Swift uma lista com perguntas foi elaborado (ver anexo 1) para efectuar o trabalho informal e foi a base para elaborar um inquerito (com base no guião) para obter dados mais quantitativos (relativos a quantidades e características mensuráveis). Para o estudo 52 famílias foram seleccionados na base de escolha aliatória das famílias na aldeia.

O estudo de caso teve como objectivo aprofundar os conhecimentos de uma família envolvendo o seguimento de um grupo específico de actividades do calendário laboral do agregado familiar ao longo do tempo, para melhor compreender as actividades dos diferentes membros de uma família e saber quais as diferenças existentes. Segundo Hildebrand *et al.*, (sem data) num estudo de caso os investigadores examinam a história das actividades da família, observam e anotam o que acontece ao longo de um período de tempo determinado. Os estudos de caso determinados pormenorizados podem fornecer informação que seria difícil obter por outros métodos.

Por exemplo, a obtenção de informação sobre a organização e produção do agregado familiar é normalmente difícil obter através de métodos padronizados. A distribuição de tempo pelas várias actividades agrícolas, a distribuição do trabalho, as actividades de cada sexo e outras informações, tornam-se evidentes por meio da observação. A disponibilidade de recursos, a forma de utilizar recursos e o fluxo de rendimentos também podem ser observados por meio do estudo de casos determinados. De forma semelhante, os estudos de casos determinados podem ser úteis para fornecer informação sobre as interacções culturas/gado.

2. Questões do género

2.1 Introdução

A mulher representa mais de metade da população mundial e, na sua grande maioria, trabalha e contribui de forma significativa para a vida e o bem-estar dos povos. Particularmente nos países em vias de desenvolvimento, as mulheres têm realizado um árduo trabalho, quer no domicílio quer no campo (Bazima, 1992).

Em Africa, elas desempenham uma função importante no processo de desenvolvimento do sector familiar. Elas são as principais produtoras de alimentos e, como tal, responsáveis pela alimentação da família (subsistência alimentar), participam na produção e venda de alimentos; são administradoras do domicílio, isto é dos recursos domésticos; são responsáveis pelo transporte de água, pela educação, saúde e planeamento familiar, cuidando assim do bem-estar da família, trabalhando muitas vezes em circunstâncias bastante difíceis: pobreza extrema, calamidades naturais, doenças endémicas e conflitos armados (Bazima, 1992; Washington, 1990).

Esta multiplicidade de tarefas e a responsabilidade sob o alimento familiar, põe a mulher num lugar chave em qualquer programa que tenha como objectivo melhorar as condições de nutrição e da dieta alimentar da população, garantir a segurança alimentar da família e desenvolver a produção agrícola familiar (Lieberman, 1989).

2.2 O conceito do género

Segundo Dos Muchangos e de Valles (1996), o conceito de género não significa sexo (nem masculino nem feminino) não significa mulheres ou questões de mulheres. Antes refere-se a relações sociais entre homens e mulheres; aos papeis socialmente construídos desempenhados para atrair a atenção para a natureza social da divisão do trabalho entre homens e mulheres. Os mesmos autores definem assuntos do género como questões que restringem ou facilitam o acesso dos homens ou mulheres aos recursos e/ou oportunidades para o auto-sustento.

Do mesmo modo para Moser (1989) o sexo identifica as diferenças biológicas entre homens e mulheres. O género identifica a relação social entre homens e mulheres. Portanto, refere-se não a mulheres ou homens, mas a relação entre eles e a forma como ela é socialmente construída. As relações de género são contextualmente específicas e, frequentemente, alteram-se em resposta a circunstâncias económicas diferentes.

Segundo Beall (1992) quando falamos sobre género, também estamos a falar de algo que é uma construção social. Para explicar isto, temos que fazer uma distinção conceptual entre sexo e género.

" O sexo de um indivíduo é determinado pela biologia".

" O género, diferentemente do sexo, não é determinado fisicamente, mas sim é construído socialmente, culturalmente e psicologicamente e não tem qualquer fundamento na biologia".

As relações entre mulheres e homens são uma parte muito importante do modo como a sociedade se organiza (Moser, 1989; Beall, 1992). Os mesmos autores têm a ideia de que as mulheres são quase universalmente menos privilegiadas socialmente do que os homens. Há uma relação desigual de poder que concede aos homens domínio político e económico sobre as mulheres, não só dentro do lar, mas também no emprego e noutras esferas públicas; contudo um enfoque somente na posição das mulheres ignorará as inter-relações entre homens e mulheres. A melhoria das vidas das mulheres só pode ser feita se se analisar a maneira em que a vida das mulheres e dos homens se inter-ligam numa dada sociedade.

Na história das relações sociais entre homens e mulheres em Moçambique ainda se assume que são os homens o sustento da família, enquanto que as mulheres e crianças são os seus dependentes. Hoje esta relação está a sofrer mudanças na medida em que surgem mulheres chefes de família que são o garante dos elementos seus dependentes (Zucula, 1994).

Segundo Beall (1992) uma implicação do aspecto género e desenvolvimento é que não é suficiente apenas perguntar às mulheres o que é necessário para melhorar a sua vida.

Isso tem que ser feito, claro. Mas a visão das mulheres da sua sociedade será parcial, tal como é a dos homens.

Ambos os géneros têm que ser envolvidos no desenvolvimento, e envolvidos na discussão sobre as mudanças que afectam a ambos. Quando se trata de examinar programas de desenvolvimento específicos, o praticante de desenvolvimento terá perguntas que incluem:

- Quem beneficiará e quem perderá - os principais beneficiários são homens ou mulheres?
- Que grupos específicos de homens e de mulheres beneficiarão ou perderão?
- Que perdas e ganhos ou compromissos estão envolvidos?
- Qual o equilíbrio resultante de direitos, obrigações, poder e privilégio entre homens e mulheres dos vários grupos sociais?

Segundo Moser (1989) a planificação de género reconhece que na maioria das sociedades de rendimentos baixos, as mulheres e homens estão envolvidos em actividades reprodutivas, produtivas, gestão comunitária e política comunitária. A natureza e dimensão do seu envolvimento em cada uma das actividades reflecte a divisão de género do trabalho num dado lugar e num determinado momento. A divisão de género do trabalho é uma relação dinâmica que tem que se reflectir no diagnóstico de género.

2.2.1 Papel reprodutivo

O papel reprodutivo relaciona-se às responsabilidades de procriação e o cuidado diário das crianças e as tarefas domésticas que são primeiramente realizadas pelas mulheres. Em algumas sociedades, os homens podem realizar ocasionalmente tarefas domésticas consuetudinárias (por exemplo construção da casa). Inclui não só a reprodução biológica, mas também a reprodução da força de trabalho e a reprodução social.

2.2.2 Papel produtivo

O papel produtivo refere-se a trabalho feito por mulheres e homens para remuneração em dinheiro ou em espécie. Inclui a produção de mercado com um valor de troca e a produção de subsistência/doméstica com um valor de uso real e também um valor de troca potencial. Para as mulheres na produção agrícola, isto inclui trabalho como agricultoras independentes, esposas camponesas e trabalhadoras assalariadas.

2.2.3 Papel de gestão comunitária

O papel de gestão comunitário refere-se às actividades realizadas por mulheres (contudo alguns homens também participam nestas actividades) ao nível da comunidade, como uma extensão dos seus papeis reprodutivos, para assegurar a provisão e manutenção de recursos escassos de consumo colectivo, tais como água, cuidados de saúde e educação. Este é trabalho voluntário não-pago.

2.2.4 Papel de política comunitária

O papel de política comunitária refere-se às actividades realizadas ao nível da comunidade por homens (contudo algumas mulheres também participam nestas actividades) organizadas ao nível político formal, ao quadro das estruturas tradicionais de tomada de decisão ou de política nacional.

Em muitas sociedades o papel do género dentro e entre o agregado familiar afecta profundamente as suas relações e como as decisões são tomadas pelos homens. A dinâmica dentro e entre o agregado familiar esta baseada nas diferenças de género, idade, antiguidade ou posição dentro do agregado familiar (Feldstein e Poats 1989).

2.2.5 Necessidades do género

Segundo Moser (1989) mulheres e homens têm necessidades diferentes porque têm papeis e necessidades diferentes na sociedade. É útil distinguir dois tipos de necessidades de género:

Necessidades de Género Práticas (NGPs)

São as necessidades identificadas pelas mulheres e homens que têm origem na divisão de género do trabalho consuetudinária. As PNGs são uma resposta a uma necessidade imediata sentida, identificada num contexto específico. Muitas vezes, relacionam-se com insuficiências nas condições de vida, tais como abastecimento de água, cuidados de saúde, emprego.

Necessidades de Género Estratégicas (NGEs)

Reflectem um desafio às relações de género consuetudinárias e implicam mudança nas relações de poder e de controle entre homens e mulheres.

As NGEs que as mulheres identificam têm origem no reconhecimento e desafio das mulheres face á sua posição subordinada em relação aos homens na sua sociedade, por exemplo, acesso igual ao emprego, salário igual, direitos legais iguais. As NGEs identificadas pelos homens surgem do reconhecimento e desafio dos homens face á sua exclusão dos domínios que os papéis masculinos consuetudinários impõem e que contribuem para a perpetuação da subordinação das mulheres, por exemplo, cuidado das crianças.

2.3 Factores que afectam as relações entre homens e mulheres

A organização social e a estrutura da família são elementos fundamentais para compreender as relações de género, processo de mudanças e ainda o caminho irreversível da modernização da sociedade como um todo (Dos Muchangos, 1996).

Segundo Moser (1989) e Feldstein e Poats (1989) as diferenças entre homens e mulheres são enraizadas na organização social e são suportadas através de crenças e valores culturais. Por exemplo os homens dominam na elaboração e gestão das políticas o que cria uma invisibilidade e negligência económica ao contributo que a mulher dá a sociedade, provocando uma orientação masculina no desenvolvimento das novas tecnologias. Estas diferenças no género são formadas através da ideologia, história, religião, grupos étnicos e determinantes económicas e culturais.

Segundo Beall (1992) uma característica surpreendente das relações de género é que elas "sentem-se" tão naturais dentro de uma sociedade - toda a gente é educada para as aceitar tal como são. Por exemplo, dentro das diferentes sociedades, frequentemente parece "natural" que apenas as mulheres façam certos tipos de trabalho e os homens façam exclusivamente outros tipos. Porém, quando nos colocamos fora da nossa própria sociedade, e a comparamos com outras, vemos que cada sociedade organizou as relações de género diferentemente. Por exemplo, diferentes sociedades têm ideias diferentes sobre exactamente que tipos de trabalho contam como "trabalho das mulheres" ou "trabalho dos homens".

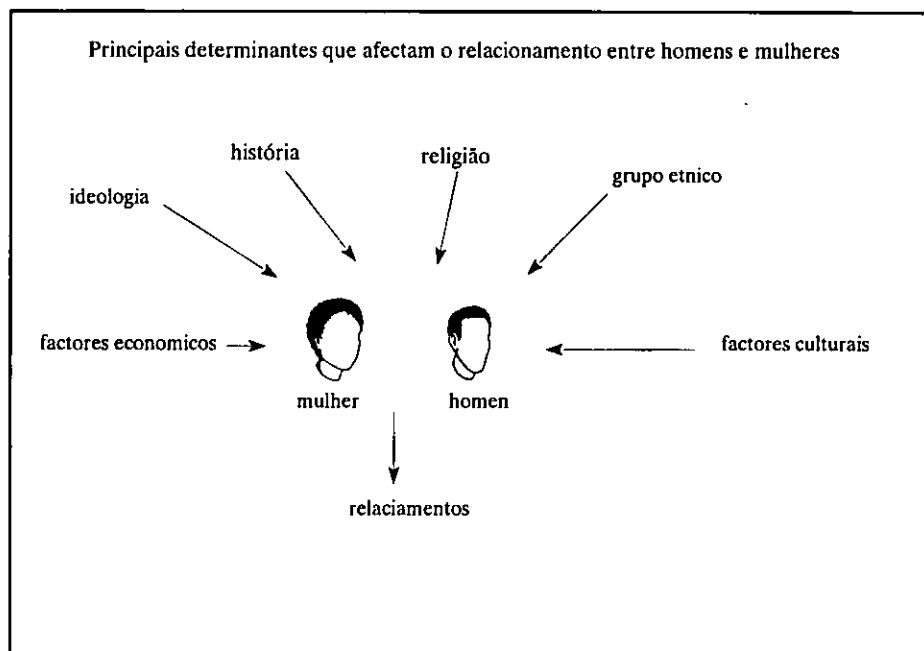


Figura 2: *As principais determinantes que podem afectar o relacionamento entre homén e mulheres dentro de uma sociedade.*

Todavia, é interessante verificar que as relações de poder na base do género são caracterizadas, de uma maneira geral, pela diferença no control sobre a divisão do trabalho entre homén e mulher, a tomada de decisão e a distribuição dos recursos.

È aqui que reside o cerne da questão e onde a mulher, embora simbolicamente representada, com a possibilidade de poder exprimir a sua opinião, não é ela quem decide e controla a tomada de decisões (De Abreu e Salomão, -1995).

Em décadas passadas falava-se em "aspectos da mulher" e "aspectos dos homén". Mas nestas duas últimas décadas houve mudanças. Ao nível mundial já existe muita informação e discussões, passando a falar-se em "aspectos do género", por isso segundo Beall (1992) as mulheres não podem ser tratadas como um grupo homogénio único, tal como os homén também não.

Tal como o género é um produto da sociedade, também as sociedades se organizam segundo linhas de diferenças de classe ou diferenças em raças. Género, classe, raça e outras divisões intersectam-se. E isto significa que qualquer grupo de mulheres terá algumas coisas em comum - mas defirirá noutras coisas. Argumenta-se que quando se envolvem em iniciativas de desenvolvimento, os planificadores e políticos têm que tomar em consideração as diferenças entre mulheres.

Por isso segundo De Abreu e Salomão (1995) qualquer governo que na estratégia de desenvolvimento rural não tenha presente que a mulher é quem mais trabalha a terra, e é a principal produtora de alimentos e de produtos agrícolas, corre o risco de não atingir os objectivos por negligenciar este potencial.

2.4 Aspectos do género na sociedade moçambicana

" A população moçambicana é fundamentalmente rural, vivendo da agricultura de subsistência. Somos um povo de raízes camponesas, de agricultores das savanas para quem o ciclo agrário é marcado por rituais imploradores da chuva e da fecundidade da terra e das cerimónias festivas das colheitas. A agricultura exige uma certa organização técnica e social do trabalho, determinando então uma certa forma de organização familiar e produtiva onde a ajuda mútua entre os produtores joga um papel importante (Zucula, 1994)".

Em Moçambique ao nível rural e tradicional poucas investigações foram feitas acerca do papel da mulher dentro dum agregado familiar, seu papel na agricultura e as estratégias de sobrevivência que utiliza para alimentar o lar. Como afirma Casimiro (1994), é quase inexistente até aos anos 80, literatura em que a mulher seja tratada de forma individualizada. A mulher aparece assim no contexto da sociedade geral ou da família, através da descrição dos usos, costumes e rituais dos grupos populacionais existentes em Moçambique na qual sobressai a divisão sexual do trabalho na sociedade. A esfera doméstica é atribuída á mulher, enquanto a pública continua sob cargo dos homens (Casimiro, 1994).

O papel da mulher em Moçambique tem estado mais associado às tarefas da reprodução da família e produção. Hoje as mulheres e a sociedade moçambicana começam a desafiar esta posição e, reivindicando para a mulher uma participação mais activa no desempenho do seu papel produtivo, político e no acesso aos órgãos de decisão (De Abreu e Salomão, 1995).

Dois/terços da população até aos últimos tempos era afectada pela guerra ou mesmo deslocada. A partir daí mulheres começaram a ter um papel "sozinhas" de responsabilidade para sustentarem a família de forma mais óbvia, dramática e mais trágica que antes (Dos Muchangos, 1996).

Dados de diferentes fontes mostram que em Moçambique cresce o número de mulheres que são chefes de agregados familiares. Em 1992 cerca de 22% dos agregados eram deste tipo com a maioria nas áreas rurais. Até certos agregados formalmente chefiados por homens na prática são chefiados por mulheres (Dos Muchangos, 1996).

A sociedade Moçambicana foi caracterizada como tendo dois padrões de famílias, o patrilinear e o matrilinear, contudo qualquer que seja o padrão tem sofrido alterações consideráveis. Estes dois tipos apesar de diferentes, eles acabam tendo elementos comuns, por exemplo ambos são caracterizados pelo patriarcado, isto é o poder está centrado em mãos masculinas (Dos Muchangos, 1996).

Durante a colonização a mulher sofreu com o homem a exploração e submissão ao poder colonial, e a discriminação patriarcal da sociedade tradicional.

Embora na sociedade matrilinear a mulher tenha mais vantagens na vida da família e da comunidade, uma vez que a sua linhagem é a de guardiã dos filhos e da propriedade familiar, há sempre um homem para governar os destinos da família e tomar decisões - o tio materno. Na falta deste, considera-se a mulher mais idosa da família (De Abreu e Salomão, 1995). A subordinação da mulher é vista não só como um problema de dominação pelo homem mas também da opressão colonial e neocolonial (Zucula, 1994).

Simplificando pode-se dizer que, nos grupos de tradição matrilinear, a tomada de decisão é da responsabilidade da linhagem da mãe (femenina), enquanto nos grupos patrilineares está a cargo da linhagem do pai (o avô pela parte do pai é uma figura extremamente importante na educação das crianças) (De Abreu e Salomão, 1994).

O sul de Moçambique corresponde a sociedade que habitualmente é chamada de patrilinear onde o casamento é um procedimento simples concretizado pelo *lobolo*. O *lobolo* joga um papel fundamental na constituição de novas famílias, onde a família do homem paga a família da mulher determinada soma em dinheiro ou gado entre outros bens materiais. Este tipo de cerimónias são longas e complexas (observando-se algumas variantes entre o sul e o centro do país) algumas delas talvez ditadas pela influência do trabalho migratório para a África do Sul particularmente no sul de Moçambique; o território para a fixação do novo casal é aquele que corresponde ao do homem ou ao da sua família. (Dos Muchangos, 1996).

No *lobolo*, a mulher é solicitada a fazer os primeiros contactos com os pais da noiva, acertando pormenores da cerimónia. Mas quem dirigirá a cerimónia é o homem da família.

Nos ritos de iniciação, a mulher transmite às mais jovens todo o seu saber, com a responsabilidade de fazer o acompanhamento do casamento até ao resto da vida (enquanto a madrinha viver).

- O casamento é organizado pela mulher
- A grande festa na aldeia é organizada pela mulher (Baltazar, 1994).

Estas responsabilidades não são valorizadas pela sociedade, porque se tornaram numa situação tão normal, como por exemplo dar à luz.

Segundo Dos Muchangos (1996) a poligamia é um fenómeno frequente, as mulheres e as crianças vivem junto do marido, formando as vezes uma espécie de constelação. A mulher subordina-se ao marido e nos primeiros anos do casamento pode observar-se uma forte influência da sogra nas questões familiares. O divórcio é um processo extremamente difícil, sobretudo porque implica um repagamento ou devolução do *lobolo*.

Segundo Zucula (1994) a educação tradicional ensina a mulher a guardar a casa e a guardar-se para pertencer a um só homem, e quando a mulher pratica um acto contrário aos princípios estabelecidos, é duplamente condenada, muitas vezes por outras mulheres que têm dificuldades em compreender que a mulher é um ser humano como o homem (Bazima, 1994). Por exemplo tradicionalmente, não é dado valor ao trabalho doméstico que a mulher realiza. Como regra, as tarefas domésticas são consideradas obrigação intrínseca da condição feminina. Contudo, o trabalho doméstico apresenta um contributo valioso cujo valor real é mais perceptível nos casos em que num agregado a mulher tem actividade regular fora de casa ou nos casos de agregados em que a mulher/mãe não existe.

Segundo o mesmo autor os ritos de iniciação são um exemplo de preservar tradições. Como outras manifestações culturais, os ritos têm aspectos e facetas negativas, mas eles também encerram a preocupação de ensinar, preparar, educar e valorizar.

O padrão de famílias aqui descrito não é estático. Foi sofrendo alterações ao longo dos tempos e muitas vezes em resposta a situações de guerra, a crescente urbanização ou ainda em resposta a mudanças de ordem económica e políticas. É assim que se observam transformações da forma tradicional da organização e da estrutura da família (Dos Muchangos, 1996).

Após a independência as características das duas sociedades - matrilinear e patrilinear - sobretudo nas cidades, começaram a fundir-se e dificilmente se podem diferenciar (De Abreu e Salomão, 1995).

A experiência moçambicana na realização dos direitos humanos, deve ser analisada a partir de 1962, com a Fundação da Frente de Libertação de Moçambique - FRELIMO. Antes desta data era impraticável qualquer forma de envolvimento popular no processo de tomada de decisão, pois o colonialismo português negava aos colonizados todos e quaisquer direitos. Homem e mulher - tinham apenas a obrigação de garantir a reprodução do sistema de dominação colonial-fascista. Assim participar no desenvolvimento, atendendo a que consideramos a justiça social como condição de desenvolvimento, significava contribuir para o avanço da luta libertadora, quer nas zonas de guerra, quer nas zonas libertadas ou na frente da clandestinidade.

Neste caso, a participação popular tinha um objectivo: libertar o homem para libertar a pátria. Com vista a integrar todas as populações sob seu controlo no combate libertador, a FRELIMO criou estruturas que permitiam o envolvimento popular no debate da concepção e adopção dos programas traçados. Com o objectivo de enquadrar a mulher nas diferentes tarefas e fases da luta pela independência, a FRELIMO criou, em 1967 o Destacamento Femenino. Ainda durante a luta armada, em 1973, a FRELIMO criou a Organização da Mulher Moçambicana (OMM), á qual atribuiu a tarefa principal de mobilizar e organizar todas as mulheres moçambicanas. A participação da mulher na guerra de libertação garantia-lhe alguns direitos básicos como: o direito a vida, o direito a participação, o direito a educação, o direito ao voto entre outros (Bazima, 1994).

Não se pretende aqui discutir o papel político da OMM mas sublinhar o papel que desempenhou na criação e elevação da consciência da mulher em Moçambique. Foi esta organização que lutou pela aceitação da mulher em áreas e profissões consideradas, por tradição, de domínio masculino (Zucula, 1994).

Com a independência nacional a filosofia da FRELIMO de emancipação da mulher foi expandida a todo o território nacional. Apesar de a mulher ter sido colocada como uma das principais preocupações do programa do governo, implícita ou explicitamente as transformações da sociedade originaram alterações profundas ao nível da relação homem/mulher, da divisão sexual do trabalho, fonte de desigualdade entre os sexos e geradora da discriminação de que a mulher é alvo, como "escrava dos escravos" (Bazima, 1994).

Se por um lado houve mulheres que não entenderam a dinâmica destas medidas deturpando o conceito de emancipação, por outro lado, houve homens que não aceitaram o princípio da emancipação. A deturpação e a recusa deste princípio provocou conflitos sociais que resultaram em divórcios e separações em muitas famílias (De Abreu e Salomão, 1995).

A guerra de libertação de Moçambique (1962 - 1974) e mais recentemente a da RENAMO (1976 - 1993) dificultou o processo de desenvolvimento do país, e consequentemente do campo agrícola pois foi o campo a zona mais atacada pela guerra.

Na situação da guerra civil, a tarefa da mulher tornou-se mais difícil pelas seguintes razões:

- A terra para cultivar tornou-se pouca, com o agravante de não poder ter terra para pousio e, assim, a terra deixa de ser fértil.
- A liberdade de circulação desapareceu e as populações só circulavam em redor dos grandes aglomerados populacionais.
- A lenha ficou distante e as vias de acesso para a sua busca são difíceis, por isso as árvores em redor das cidades e vilas foram destruídas. Por outro lado com agravante da seca fez com que a água seja escassa, tornando impraticável o cultivo de hortícolas e forçando a ir buscar a água a grandes distâncias.
- A rotação de culturas agrícolas do sector familiar que é tarefa essencialmente da mulher sofreu uma rotura, consequentemente os alimentos escassearam.

A autosuficiência alimentar da mulher, que levou muitos anos a acumular, deixou de existir porque as colheitas e as sementes que transitavam de ano para ano foram abandonadas, a criação de animais, galinhas, patos, gado bovino e caprino foram abandonadas na fuga precipitada, e a mulher passa a ser uma mulher em situação difícil.

Na busca de várias alternativas para melhorar as condições de vida da família, no seu maior desafio, a mulher encontra nos diversos mercados limitantes impostas pelos mecanismos económicos, algumas pela legislação vigente como é o caso do código comercial, no que diz respeito á questão de acesso ao crédito, outra ligadas ao mercado financeiro, que actua com altas taxas de juros e que, por conseguinte, não lhes permite obter facilidades de empréstimos para a aplicação na criação de pequenas e médias empresas e desenvolverem as suas actividades de forma legítima (De Abreu e Salomão, 1995).

Para melhorar a situação da produção das culturas alimentares e conseguir auto-subsistência e segurança alimentar, é preciso dar atenção aos aspectos do género na sua totalidade como foi discutido neste capítulo, especialmente a mulher (no sector familiar) que aparentemente joga um papel importante na produção agrícola, reprodução e sustento do lar.

Para melhor facilitar o processo de desenvolvimento no qual ambos sexos jogam um papel decisivo e perceber as actividades, percepções e o papel da mulher na sociedade é indispensável e justificado um estudo com enfoque no papel da mulher para facilitar este processo de desenvolvimento.

3. A situação agrícola no Distrito de Guijá

3.1 Introdução

Numa primeira fase, foi feita uma visita exploratória onde teve-se a oportunidade de fazer entrevistas informais a alguns representantes de instituições como a Direcção Distrital da Agricultura (DDA) em Guijá, ao projecto Federação Mundial Luterana (FML) em Chókwè e a algumas camponesas na aldeia de Djavanhane. Neste capítulo apresenta-se um resumo da situação agrícola do distrito de Guijá baseada em dados colhidos na visita exploratória, na fase de recolha de dados e num trabalho feito por Pijnenburg *et al.* (1996) no mesmo distrito.

3.2 Agricultura no distrito de Guijá

A agricultura em Guijá no geral é feita em sequeiro. De salientar que ha 6 épocas que não chovia e o milho não resistiu a seca prolongada. Os camponeses no sequeiro não conseguiam guardar sementes para as proximas campanhas, embora os que tinham machambas ao longo das margens do rio e/ou motobombas conseguiam ter colheitas aceitaveis e guardavam sementes. Esta situação contribuiu para dar atenção a distribuição de sementes de mapira e mexoeira. Durante o estudo estavam a distribuir sementes de mapira e meixoeira (5 kg de mapira e 2,5 kg de meixoeira por família) sendo considerada culturas alternativas por serem mais resistentes a seca.

Segundo informantes chaves a produção agrícola em Guijá não chega para a autosubsistência da maioria das familias. Por isso a FML sugere que as familias desenvolvam actividades fora das machambas como a venda de lenha, produção e venda de carvão, aluguer de burro e caroga, prestação de serviços de mão de obra para os camponeses com acesso a rega entre outras.

No sequeiro praticam as seguintes culturas: milho, feijão nhemba, amendeim e mandioca normalmente em consociação.

5% dos agricultores tem acesso a rega (privados) praticando milho, tomate, cebola e feijão manteiga. Um número insignificante de camponeses tem criação de caprinos, suíno e bovino.

Antigamente nos anos de boas produções havia um sistema de mão de obra familiar "tsima" (ajuda mútua) em que as pessoas que a praticavam eram recompensadas com comida, bebida ou parte da produção; ainda hoje algumas famílias com algumas reservas alimentares praticam este método de ajuda mútua na aldeia.

Existe basicamente 2 tipos de solos (*Nhaca* e *Nthava*, como se descreve assegir). A preparação da terra é feita essencialmente com ajuda da enxada. parte da população não tem acesso a tracção animal. Contrariamente pôde-se constatar que na aldeia de Djavanhane cerca de 73% dos agregados inqueridos afirmaram ter acesso a tracção animal, alugando ou tendo gado próprio (vêr pagina 41). O solo do tipo *Nhaca* encontra-se na baixa é duro e precisa no mínimo uma rega por semana para torna-lo cultivável. Na baixa cada família dispõe de pelo menos 1 hectare de terra.

Na serra os solos são arenosos (tipo *Nthava*), mais fáceis de trabalhar (do que *Nhaca*). Não existe posse de terra oficial. Cada camponês cultiva o que pode sem se preocupar em limites. Por isso em tempos de secas prolongadas (como era o caso) os camponeses preferiam cultivar esses solos comparativamente aos solos da baixa que são argilosos e difíceis de trabalhar, provavelmente mais produtivos quando dispõe-se de sistema de rega.

Solos e acesso a terra

A terra aparentemente é suficiente para todos. Contudo parece existir conflitos de terra principalmente nas terras com a possibilidade de rega (ao lado do rio Limpopo e/ou ao longo do canal principal de rega). Aparentemente o título de terra ainda não preocupa os aldeões. Contudo, pode vir a constituir problema no futuro.

Na base de informações colhidas junto dos camponeses/as na aldeia existe predominantemente 2 tipos de solos:

- Solos argilosos (na baixa) localmente classificados como *Nhaca*.
- Solos arenosos (na serra) localmente classificados como *Nthava*.

Critério de classificação local dos solos, segundo Pijnenburg *et al.* (1996):

Nhaca

para um solo ser classificado como *Nhaca* deve

- Ser de cor escura, profundo, escorregadio quando húmido.
- Vegetar árvores tais como *molele*, *mulhupucas*, *mitomas*, *mungamazi* e capims como *quila wanguana*, etc.
- Ter risco de inundações.
- Ter uma humidade específica para lavoura: a lavoura é difícil de efectuar quando húmido e quando seco.
- Formar torrões durante a lavoura.

Nthava

Para um solo ser classificado como *nthava* deve reunir os seguintes requisitos:

- Uma cobertura arenosa de maior espessura.
- Devem ser capazes de crescer nele árvores tais como massala, cajueiros, matitas, etc.
- O capim do tipo *xihunze* além de assumir a forma erecta deve tender a prostrar-se e com maior afilamento.

Basicamente são mulheres que trabalham na agricultura. As mulheres frequentam as reuniões organizadas pelos extensionistas. Segundo os extensionistas mulheres tem um papel importante na agricultura e as dificuldades que enfrentam são as seguintes:

- Têm menos participação nas actividades comunitárias.
- Tem a responsabilidade de sustentar a família mas não conseguem por causa das várias razões já mencionadas.
- Tem falta de meios de produção e tracção animal (mão de obra).
- Enfrentam cedo o novo lar.
- falta de planeamento familiar.
- Trabalhos do lar e da machamba (sobrecarga de trabalho).

3.3 A Direcção Distrital de Agricultura (DDA)

A Direcção Distrital de Agricultura em Guijá é composta por um director da agricultura com nível básico, um técnico médio e mais dois técnicos básicos que deveriam fazer todos os trabalhos de campo do distrito. Na prática limitam o seu trabalho às aldeias de Chinhacanine e Tomanine por causa da falta de transporte. Os trabalhos de extensão são principalmente na área de regadio, horticultura e controle de pragas. Existe uma viatura para toda direcção.

Segundo o Director da agricultura da DDA de Chókwè 97% da população de Guijá tem como base a agricultura e 95% dos quais são mulheres porque por tradição a mulher deve ser agricultora.

As dificuldades encontradas no campo agrícola:

- Seca prolongada, ha mais de 5 anos que as chuvas são irregulares e têm falhado na altura crítica para as culturas comprometendo a campanha agrícola.
- Problemas fitosanitários especialmente com a lagarta invasora e, devido a escasses de chuva, não se obdece aos calendários agrícolas.
- Problemas nas associações onde se usa a motobomba porque não conseguem garantir combustível até o fim da campanha (falta de dinheiro).
- Problemas na preparação da terra, pois a terra é dura. Para o tractor lavrar a terra são necessários 250 mil meticais em combustível por hectare. Muitos camponeses não conseguem pagar e fazem a sementeira em solos mal preparados, o que é bastante prejudicial para a emissão das raízes comprometendo a produção.
- Custo de vida elevado: subida constante dos preços de sementes, produtos fitosanitários e gasóleo.

Diz que existe um projecto para implementar o repovoamento do gado bovino e caprino. O Gado tem bastante adaptabilidade na região pois sustenta a ideia que agricultura sem criação animal e vice versa não terá sucesso. Galinhas não resistem a uma doença local que as tem vitimado (*New Castle Disease*).

Nas associações das mulheres quem dirige e toma as decisões é um homem.

Muitos dos homens trabalham fora da agricultura especialmente na África do Sul. Os homens que ficam em casa fazem tarefas como artesanato, arranjam capoeiras, cobrem a casa (uma vez em 6 meses) e esperam pela mulher que foi a machamba trabalhar para lhe preparar a refeição.

3.4 O projecto da Federação Mundial Luterana (FML)

Segundo o Coordenador do projecto FML, o mesmo foi criado em 1986, tendo-se implantado em Chókwe no ano de 1987. Os beneficiários do projecto FML são os aldeões de Guijá e parte da população em Chókwe Norte.

As actividades que o projecto tem realizado são:

- Na área da extensão agrícola: introdução de novas tecnologias, distribuição de sementes e estacas de mandioca.
- Abertura de furos de água.
- Na área de saúde: construção de casas para enfermeiras locais, palestras sobre vacinação, planeamento familiar e doenças de transmissão sexual.
- Na área de educação: apoio em material para construção de escolas nas aldeias de Guijá.
- *Fornecimento de crédito para desenvolver o mercado local.*

No início do programa da FML prioridades foram dadas ao sector da água porque as mulheres camponesas mais se queixavam da falta da água potável.

Também a distribuição de sementes de várias culturas como milho e feijões, estacas de mandioca e ramos de batata doce foi priorizada. O programa da FML participou no programa da Embaixada da Holanda que está ligada a distribuição das sementes de mapira e meixoeira.

Durante os últimos anos as seguintes actividades foram elaboradas para melhorar a produção agrícola e contribuir para uma melhor situação de segurança alimentar:

- (Re) introdução de culturas resistentes a seca como meixoeira e mapira.
Segundo o coordenador este tipo de mudanças do milho para mapira ou meixoeira vai levar tempo porque os camponeses preferem o milho e muitos deles provavelmente não sabem preparar pratos feitos com estes cereais.
Uma solução seria implementar campos de demonstração na machamba do camponês.
- efectuar estudos em várias aldeias para perceber melhor o sistema de produção.
- formação dos extensionistas e camponeses em práticas culturais ligadas as culturas mais importantes.
- fornecer insumos e outros inputs.

3.5 Actividades e dificuldades principais que os extensionistas da DDA e do projecto FML enfrentam

As actividades dos extensionistas estão ligadas aos trabalhos no campo onde interactivam com os camponeses do sector familiar e privado. Durante as suas visitas ao campo tentam identificar problemas que aparecem nas machambas dos camponeses; nas práticas agrícolas e dão conselhos técnicos como por exemplo conselhos de ajuda fitossanitária (como usar os produtos químicos).

Os extensionistas também estavam envolvidos na distribuição de sementes de várias culturas como meixoeira e mapira (culturas resistentes a seca).

Ajudam na organização dos camponeses em associações e ajudam na criação de condições que facilitem aos camponeses voltarem as suas terras de origem. Por exemplo, há problemas de terra porque todos camponeses preferem as terras que se encontram ao longo das margens do rio ou/e ao longo do canal principal do regadio. Mas mais para o interior ha muita terra "abandonada". Poucas pessoas tem o titulo de terra porque dizem não ser preciso pois as terras pertencem-lhes desde o tempo dos seus antepassados.

As principais dificuldades que enfrentam estão ligadas aos problemas técnicos e organizacionais, por exemplo quais os métodos de extensão a usar e como influenciar o camponês a mudar de atitude. Também há dificuldades administrativas.

A DDA tem problemas financeiros e logísticos; o orçamento é muito baixo e dificulta as actividades de beneficiamento aos camponeses, têm falta de transporte; só dispõem de uma viatura e uma moto que serve a direcção. Quando podem utilizar a viatura por vezes têm falta de dinheiro para comprar combustível.

4. A aldeia de Djavanhane

4.1 Introdução

Na base de um guião procedeu-se a recolha de dados junto dos camponeses que teve o acompanhamento de um motivador do projecto FML. foram feitas observações directas no campo, e também beneficiou-se do apoio em dados gerais da aldeia fornecidos por representantes do projecto FML em Chóckwe e do Diagnóstico Rápido Rural elaborado por Boon *et al* (1994) ao distrito de Guijá.

Para a descrição dos dados teve-se como base o modelo de Swift (em Drinkwater, 1995).

4.2 Aspectos gerais

A aldeia de Djavanhane, também conhecida como aldeia Acordos de Lusaka, é uma localidade que está dividida em 5 bairros com os respectivos chefes ou secretários.

Djavanhane dista 22 km da sede de Guijá e faz limites á norte com uma floresta, a sul rio Limpopo, no este aldeia de Chibabel e oeste com a aldeia de Sifo (vêr anexo 2).

As habitações desta aldeia são maioritariamente casas de formas redondas ou rectangulares feitas com material local; como ramos de árvores para o esqueleto, cobertas de palha e rebocadas com terra argilosa e são localizadas na serra. Todos os habitantes têm ao redor das palhotas pequenas machambas.

Segundo dados obtidos pelo projecto FML em novembro de 1995, o número de famílias na aldeia era de 3886, resultando em 14768 habitantes todos eles regressados apartir de julho de 1993. É a mulher que se responsabiliza pela subsistência da família principalmente nos agregados em que o homen se encontra a trabalhar na Africa do Sul ou fora da aldeia para conseguir trazer dinheiro, instrumentos agrícolas e bens de consumo á família. A contribuição dele pode fazer com que a família melhore o nível de qualidade de vida.

Os habitantes do distrito de Guijá são "deslocados de guerra", são pessoas que saíram á força das armas sem roupa, alimentos, utensílios domésticos e outros bens para uma zona mais segura. Depois do acordo de paz regressaram apartir de julho de 1993 assim como fugiram da aldeia, na penúria. Algumas das aldeias do distrito de Guijá nunca foram completamente abandonadas durante a guerra e haviam sempre algumas famílias que nunca saíram completamente da aldeia (só temporariamente mulheres e crianças). As outras aldeias foram mais ou menos completamente abandonadas e a população perdeu todos os seus bens, incluindo um número importante de animais.

As fontes de água da aldeia estão destruídas da seguinte maneira:

- Um furo no primeiro bairro
- Dois furos no segundo bairro
- Um furo no terceiro bairro
- Um furo no quarto bairro mais um poço em proximidade do segundo bairro; o que perfaz no total 5 furos e 1 poço (vêr mais informação sobre a aldeia no anexo 3).

4.3 Produção Agrícola

Segundo dados obtidos pelo projecto FML (1995), as principais culturas alimentares em ordem de importância são: milho (*Zea mays*), feijão nhemba (*Vigna unguiculata*), feijão manteiga (*Phaseolus vulgaris*), abóbora (*Curcubita moschata*), mandioca (*Manihot esculenta*) e batata-doce (*Ipomoea batatas*). As culturas alimentares de suplemento são: couve (*Brassica oleracea*), tomate (*Lycopersicon esculentum*), alface (*Lactuca sativa*) e melância (*Citrullus lanatus*).

Contudo nas machambas das camponesas encontrou-se com mais frequência culturas como o milho, feijão nhemba, cacaña (*Momordica balsamina L.*), melancia, feijão cutelano (*Lablab purpureus*) localmente conhecido como *tingolocosso* e *guche* (*planta espontânea comestível*).

Segundo as camponesas, é costume fazer-se 2 sementeiras:

1ª Época (época quente: Agosto-Fevereiro):

Milho + Feijão nhemba + Abóbora + Melância ou

Milho + Amendoim + Feijão nhemba + Abóbora ou Milho + Amendoim
+ Mandioca

2ª Época (época fresca: Março-Julho):

Milho + Feijão Manteiga.

Nesta aldeia existem vários problemas. A escassês de sementes que quase todas culturas têm foi originada por um complexo de factores tal como a sucessão de anos sem precipitação, a diminuição na área cultivada por causa da guerra e aos ratos que nos últimos dois anos flagelaram as culturas no campo e os produtos nos celeiros. Por isso as formas mais comuns na aldeia de obtenção de sementes eram através de donativos e compra em Chibuto.

Outro problema levantado é a disponibilidade da mão de obra (tracção animal poderá resolver este problema facilitando lavrar as machambas) por isso as áreas lavradas são menores, e o aluguer da tracção animal poderá se tornar cada vez mais inacessível às famílias por causa do aumento constante do preço.

Segundo Boon *et. al* (1994) a população avalia a agricultura como o sector de primeira necessidade. Em geral a saúde vem em segundo lugar e a educação em terceiro lugar, enquanto que a segurança vem em quarto lugar e não constitui preocupação. Dentro da agricultura a obtenção de tracção animal vem em primeiro lugar e a obtenção de rendimentos/meios e título de terra vem em segundo e terceiro lugar respectivamente.

Verificou-se durante as entrevistas informais que alguns agricultores ainda fazem a selecção da própria semente; colhem, seleccionam as melhores sementes e põem a secar penduradas em molhos sobre as casas ou árvores ou então algumas sementes como ás de abóbora e melâncias calcam-as sobre as paredes da casa e assim secam e conservam para a campanha seguinte. A alternativa para os que têm colheitas quase nulas é ir até Chibuto comprar semente a preços de 10 mil meticais por lata de aproximadamente 1 kg para a semente de milho.

Segundo as próprias camponesas estes constrangimentos na área agrícola levam a produções e rendimentos quase nulos comparados com os anos agrícolas bons que outrora tiveram, o que vai comprometer de certa forma todo o processo de troca e rede comercial local, uma vez que os baixos rendimentos obtidos são utilizados exclusivamente para o consumo, e mesmo assim não são suficientes.

As árvores de frutos predominantes na região são: canhueiros, cajueiros e mafueiras, encontram-se distribuídas por toda a aldeia. Segundo as camponesas abordadas durante as entrevistas informais estas jogam um papel importante na vida social dos aldeões pelas inúmeras utilidades que têm proporcionado, como a preparação de bebidas tradicionais tais como o cajú e canhu e no carril (com a amêndoa do fruto) que proporcionam tardes e noites de convívio e animação entre homens e mulheres da aldeia. São árvores de frutos, oferecem sombra e também algumas destas árvores ou plantas têm utilidade para a medicina tradicional.

Segundo dados colhidos junto das camponesas as folhas de perreiras fervidas em água podem curar constipações, raízes fervidas da árvore de *massala* para dores de estômago, raízes da planta popularmente conhecida como "*beijo de mulata*" curam dores de barriga, fazem óleo de ríssimo para protecção da pele entre outras utilidades.

4.4 Produção animal

Uma estimativa das espécies animais existentes na aldeia estão explícitas na lista seguinte:

Espécie	Número	Número de famílias
Bovina	618	80
Caprina	355	44
Suina	83	18
Ovina	74	12
Galinácia	2160	270
Cunícola	60	14

Tabela 1: Apresenta o número total de cada espécie animal existente na aldeia e o número de famílias com as respectivas espécies (Fonte: projecto FML, 1995).

Observou-se que na aldeia o efectivo de gado esta em progresso principalmente para as espécies bovina e caprina pois têm grande adaptabilidade a zona agro-ecológica e não têm tido problemas com doenças.

Estas espécies são fáceis de criar e não constituem um custo para a família porque normalmente alimentam-se de pastagens naturais. Segundo De Graaf e Pijenburg (1996) o gado teve múltiplas funções na aldeia como o fornecimento de tracção animal, leite e carne, e também jogou um papel importante na segurança alimentar das famílias e na sociedade em geral especialmente ligado ao *lobolo* (casamento tradicional).

Por vezes há roubo de gado mas está a diminuir consideravelmente porque os aldeões decidiram tomar medidas drásticas contra os ladrões de gado.

4.5 Processamento e alimentação

A dieta alimentar dos habitantes de Djavanhane é a base de *upswa* acompanhado de cacana, folhas e vagens de feijão nhemba e *matsawo* (folhas de abóbora), contudo algumas famílias conseguem comprar pão, açúcar, feijão, amendoim etc. no mercado.

Os aldeões têm por hábito 2 refeições ao dia: a primeira é mais ou menos as 12.00 horas que é o pequeno almoço onde se come o resto do jantar (*chicoco*). A segunda é mais ou menos as 18.00 horas que é o jantar (refeição principal e come-se quente). Este sistema pode representar uma forma de sobreviver a escassês de alimentos e a falta de dinheiro para os adquirir.

Na aldeia existe um pequeno mercado onde se vende produtos como pão, cebola, tomate, velas, fósforos, bolinhos caseiros entre outros.

Na aldeia ainda se faz o processamento de frutos como o canhú, cajú e alguns cereais para a confeitura de bebidas tradicionais. Estas bebidas são feitas pelas mulheres e uma parte é destinada ao consumo e a outra é para venda. Parece que nos agregados familiares com o marido presente é onde se faz mais estas bebidas porque a mulher possivelmente sofre pressão do marido que a insiste a fazer para ele beber. Além disso pode vender contribuindo para o orçamento familiar.

Outra utilidade destes frutos é que as suas amêndoas depois de triturada com água pode-se extrair um sumo leitoso que é aproveitado para a confeitura de carril.

4.6 Armazenagem, Reivendicações e Investimento

Uma forma de armazenar dinheiro é investir. As formas de investimento que se encontrou na aldeia foram comprar gado bovino, caprino, assim como pequenas espécies animais para criação, comprar bens materiais e meios de produção. Mas a maioria dos aldeões não têm capacidades financeiras para tal. As famílias capazes são as que têm o marido ou o filho a trabalhar na África do Sul ou fora da aldeia.

No campo agrícola os aldeões apenas investem em trabalho agrícola, geralmente manual e em sementes que lançam á terra. Porém por vezes não fazem mais culturas por falta de sementes, não têm dinheiro para comprar fertilizantes e mesmo o adubo orgânico (estrume do gado ou de galinha) que algumas famílias dispõem não é lançado á terra. Observou-se que as áreas mencionadas que algumas famílias têm são relativamente grandes para serem adubadas nas condições dos camponeses. Os vários problemas encontrados no campo agrícola resultaram em fracas colheitas. Encontraram-se celeiros vazios porque os produtos da machamba mal sustentavam o consumo diário das famílias.

Existem reivindicações entre os membros de cada família. É uma forma de ajuda entre eles que tem raízes socio-culturais. Por exemplo entre pais e filhos, avós e netos, sogra e noras. Dentro de uma família quase sempre existem alguns membros que tenham alcançado estabilidade económica e financeira, daí que veêm-se na obrigação de ajudar os seus familiares menos favorecidos. Contudo estas relações têm uma implicação negativa para o rendimento económico da família que retira parte da sua produção para oferecer e podem trazer dependência entre os membros do agregado familiar. Isto é alguns membros não lutam para superar as crises que por ventura apareçam no campo agrícola confiando que um dos seus familiares o vai dar parte da produção.

O crédito formal existente na aldeia é o do projecto FML e também existe outro do Auxílio Mundial que funciona em Guijá e que abranje alguns aldeões de Djavanhane. Mas estes estão virados para o desenvolvimento do mercado local. Os beneficiários deste crédito com o dinheiro recebido compram os ingredientes para fazer pão, bolinhos tradicionais, bebidas tradicionais, alguns vão para Chibuto comprar cebola, cigarros entre outros, para revender.

O crédito recebido não é utilizado na agricultura porque o retorno do capital não é imediato e também corre-se o risco de não ter colheita e consequentemente estará todo o dinheiro perdido.

Existe o crédito tradicional na aldeia em que é baseado em ajudas mútuas, trocas de comida e empréstimos de dinheiro, sementes, ferramentas agrícolas, etc. Uma camponesa entrevistada disse que as poucas sementes de milho que conseguiu para a sementeira foi a vizinha que a deu.

4.7 Estratégias de sobrevivência

Na aldeia não há minas, mas existem sérios problemas de alimentação. Os celeiros estão vazios e a falta de reservas alimentares faz com que haja falta de sementes para a campanha agrícola seguinte. As causas desta situação são a seca dos anos anteriores e a possíveis pragas e doenças das plantas.

Em geral, devido às dificuldades de comunicação e de transporte (custo) o nível de vida económico e social é muito baixo nesta aldeia.

Segundo os motivadores do projecto FML um dos principais recursos de sobrevivência para as famílias de Djavanhane é a lenha. Pois, no tempo da seca as famílias para poderem conseguir comprar farinha de milho ou milho para fazer *upswa*, vendem principalmente lenha contribuindo inconscientemente para o desflorestamento da zona e consequente empobrecimento do solo. Por vezes podem também vender pequenas espécies de criação animal e outra fonte importante é que uma parte considerável das famílias têm sempre alguém como o marido ou o filho na África do Sul que manda dinheiro e/ou comida como farinha/milho, sabão, açúcar. Esta estratégia de sobrevivência foi também encontrada em duas outras aldeias no distrito de Guijá (De Graaf e Pijenburg, 1996). Os homens que se encontram na aldeia para além de por vezes trabalharem na machamba, fazem também trabalhos fora da machamba. Alguns se dedicam ao artesanato, fazendo cestos, peneiras, pilões etc, vendem-os e conseguem obter algum dinheiro para comprar o que não produzem como sabão, açúcar, fósforos, petróleo etc.

Na época seca algumas famílias vão trabalhar nas machambas de outros camponeses que dispõem de sistema de rega e recebem em troca dinheiro ou produtos da machamba.

Os aldeões são ainda beneficiados pelo crédito do projecto FML para desenvolver o mercado da aldeia, e pelo que se soube junto de motivadores do projecto, na altura eram 26 membros que beneficiavam deste crédito dos quais 14 eram mulheres.

Na base das entrevistas semi-estruturadas e das observações no campo pôde-se vêr que as famílias tem poucos bens e meios de produção e a produção agrícola é baixa. O fluxo de recursos aparentemente é limitado no sistema de produção e a situação de segurança alimentar aparece fraca.

As florestas jogam um papel importante como para o fornecimento de lenha, frutos silvestres e algumas plantas que se podem utilizar na medicina tradicional. A criação animal relativamente aos anos anteriores está em progresso, como também foi observado por De Graaf e Pijnenburg (1996) num estudo feita nesta mesma aldeia (antes da realização deste trabalho).

5. Aspectos do Género

5.1 Introdução

Mulheres e homens dentro de uma sociedade estão envolvidos em diversas actividades de reconstrução sem as quais não seria possível o desenvolvimento.

Por exemplo actividades reprodutivas, produtivas, gestão comunitária entre outras. Contudo, como pode-se vêr ao longo deste capítulo as relações de poder na base do género são caracterizadas, de uma maneira geral, pela diferença no controle sobre a divisão do trabalho entre homens e mulheres, a tomada de decisões e a distribuição dos recursos, as quais são formadas numa tendência secular através da ideologia, história, religião, grupos étnicos e determinantes económicas e culturais.

No. dos membros	$2 \leq 5$	$5 \leq 10$	$10 \leq 15$	$15 \leq 20$	Total
Chefe mulher	9	13	2	1	25
Chefe homem	9	15	2	0	27
Total	1 8	28	4	1	52 (-N)

Tabela 2: Frequência do número de membros por categorias chefiadas pelas mulheres e pelos homens

A divisão e atribuição das tarefas dentro dos agregados familiares parece ter a vêr com a composição e tamanho da família (que normalmente é grande; média de 7,2), sexo e idade dos membros da família e situação socio-económica do agregado. No trabalho de campo só foram colhidos dados em relação ao número dos membros por agregado familiar e não por idade e sexo dos membros.

5.2 Actividades de produção

A actividade de desbravar o solo é feita na maioria dos casos pelos homens adultos. Quando a lavoura é feita com tracção animal são sobretudo os homens que a fazem. Se a lavoura é feita só com ajuda da enxada, são mulheres, homens e crianças que a fazem. A sementeira pode ser feita no acto de lavrar o solo (com tracção animal) ou com a enxada e pode ser feita pelo homem, mulher e por vezes por crianças. A sacha e colheita é feita pelas mulheres por vezes com ajuda das crianças (do sexo feminino). Se as mulheres precisarem de ajuda nas actividades da machamba têm que confiar no apoio dos filhos, irmãs, vizinhos ou então se tiverem condições económicas podem contratar temporariamente a mão-de-obra.

O transporte da produção é feita normalmente pela mulher, por vezes com ajuda das crianças e é transportada em sacos ou cestos na cabeça. Mas quando a família dispõe de bois ou burro e carroça o homem encarrega-se desta actividade.

A actividade de criação animal é da responsabilidade do homem sobretudo das espécies bovina e caprina.

Os rapazes, quando regressam da escola cabe-lhes a responsabilidade de ir pastar o gado e podem também dedicar-se ao artesanato, alguns rapazes da aldeia por vezes não podem frequentar a escola porque têm a tarefa de pastar o gado. (saem de casa de manhã e só regressam ao entardecer). É tradição no sul de Moçambique e em especial na província de Gaza que os rapazes das aldeias quando atingem os 18 anos vão trabalhar na Africa do Sul (nas minas) para poderem obter algum dinheiro para pagar o *lobolo* e construir o próprio lar (vêr também De Graaf e Pijenburg, 1996).

As pequenas espécies animais como galinhas, patos e por vezes coelhos, são da responsabilidade das mulheres. Elas têm a liberdade de decidir o que fazer com a produção e, caso decidam vender, têm acesso ao dinheiro, que normalmente é usado para compra de comida.

5.3 Actividades de reprodução

As actividades domésticas como cuidar do lar, procurar água e lenha, preparar a comida, confeitura de bebidas tradicionais, cuidar da educação das crianças etc., são exclusivamente actividades das mulheres. Dentro destas actividades o homem pode contribuir com ajuda na procura de lenha (principalmente nas famílias que dispõem de tracção animal e/ou carroça), construção e reparação da casa.

As meninas também fazem trabalhos da machamba e domésticos como varrer o quintal, tirar água, lavar louça e cozinhar. As mulheres que não tem a sorte de ter filhas veem todo o trabalho recaído sobre elas aumentando a sobrecarga do trabalho diário da mulher.

Em relação as actividades de construção como construir o celeiro, curral, casa de banho e reparação das casas são sobre tudo os homens os responsáveis. As mulheres podem ser envolvidas no transporte de capim para cobrir as casas, estacas para suporte das casas, terra para maticar as casas e também fazem a manutenção das mesmas.

5.4 Actividades comunitárias

Ao nível comunitário algumas actividades de treino informal, realizadas no passado continuam no presente. É o caso das curandeiras, das parteiras tradicionais, das fabricantes de bebidas tradicionais, das oleiras e cesteiras, entre outros exemplos isto é uma indicação de que as comunidades moçambicanas são um mosaico de civilizações, tradições e costumes diferentes.

Podemos concluir como fez Zucula (1994) que através dessas realizações, as mulheres têm estado a criar espaço para a sua integração e aceitação, não em termos de favores que lhes são concedidos, mas mercê do trabalho concreto que lhes permite estarem na sociedade e serem elementos que participam de forma activa no desenvolvimento social, económico e cultural.

Segundo informações colhidas na aldeia junto dos camponeses/as algumas actividades que não vêm explícitas na tabela 3, como a abertura de poços, caça, comprar comida para a família, dar auxílio aos familiares em caso de doença, parto da mulher (decidir se vão ao curandeiro, parteira tradicional ou ao hospital), dar nome aos filhos (com auxílio do curandeiro da família),

supervisão de todas actividades da machamba, instruir os rapazes na aprendizagem do artesanato local, construção, caça, procurar e reparar ferramentas como enxadas, charruas etc., comprar roupas e utensílios domésticos e decidir sobre as cerimónias tradicionais a cumprir, são sob responsabilidade dos homens.

Em relação as culturas não se encontrou uma divisão específica de culturas para homens e culturas para as mulheres, apesar de a literatura fazer referência que os homens fazem culturas de rendimento.

5.5 Análise de actividades e divisão das tarefas

Como se pode observar da tabela 3 as mulheres jogam um papel importante nas actividades de produção agrícola, o que nos pode levar a afirmar que falar da mão de obra na vida da aldeia significa falar das mulheres, porque são elas que têm principalmente a responsabilidade de reprodução, produção para alimentar e sustentar a família, e actividades comunitárias.

Dos 46 homens chefes das famílias inqueridas, 56% trabalham dentro da aldeia e vivem de recursos locais, como o corte e venda de lenha, criação e venda de pequenas espécies animais e a construção. Alguns dedicam-se também ao artesanato (fazem cabos de enxadas, cestos, peneiras, esteiras). Esta situação possivelmente resulta em más condições de vida em que vive a maioria dos aldeões pois os homens "desempregados" (trabalho não assalariado dentro da aldeia) estariam limitados em adquerir bens materiais, contribuindo muito pouco para o bem estar da família. Dos 46 homens (retirando as viúvas que não tem consigo um filho que trabalhe dentro ou fora da aldeia) 40% trabalham na Africa do Sul e 4% trabalham fora da aldeia.

Actividades	Homen	Mulher	Crianças < 16 anos
Produção Agrícola			
-Desbravar	HA		
-Lavar(preparação da terra)	HA	MA	MC
-Sementeira	HA	MA	MC
-Sacha		MA	MC
-Colheita		MA	MC
-Transporte	HA(T.A.)	MA	MC
-Construção de celeiro	HA		
-Comercialização	HA	MA	
Criação Animal (produção)			
-Bois	HA		HC
-Cabritos	HA		HC
-Galinhas, patos e Coelhos		MA	
Actividades Domésticas (reprodução)			
-Cuidar do lar		MA	MC
-Procurar água		MA	MC
-Lenha (procura, corte e transp.)	HA	MA	MC/HC
-Comida (debuh., pilar, cozih., serv)		MA	MC
-Procura da comida		MA	
-Feitura de bebidas		MA	
-Cuidar das crianças (alim., educ.)		MA	
-Construção de casas	HA	MA	
-Reparação de casas	HA		
-Transp. de material de constr.	HA(T.A)		MA
Aspectos comunitários			
-Acesso ao crédito	HA	MA	
-serviços de extensão	HA	MA	
-Reuniões da aldeia	HA	MA	
-Particip. colecta de fundos		MA	
-Funerais		MA	
-Casamentos (lobolo)	HA		
-Festas da aldeia		MA	
-Igreja	HA	MA	
-Cerimónias tradicionais	HA	MA	
-Ir ao curandeiro	HA	MA	

Legenda: HA: Homen Adulto, HC: Homen Criança, MA: Mulher Adulta, MC: Mulher Criança

Tabela 3: Divisão das diversas actividades entre mulheres e homens.

Observação: a tabela 3 (página 37) foi construída com base em observações feitas no campo, nos dados recolhidos durante as entrevistas informais feitas aos camponeses e também com ajuda dos dados obtidos durante a elaboração do estudo de caso.

5.6 Acesso aos recursos

5.6.1 Terra

Com a guerra muitos camponeses estabeleceram relações económicas e sociais em várias zonas por vezes mudando constantemente de aldeia e consequentemente ocupando novas terras. Finda a guerra alguns camponeses acabaram por se fixar nessas aldeias e outros ainda voltaram para as suas aldeias de origem começando de novo por desbravar a terra e nestas mudanças acabaram por perder parte dos seus bens, criando deste modo os chamados "naturais" e "não naturais" da aldeia.

Para facilitar a análise dos seguintes aspectos assumiu-se como famílias chefiadas por mulheres a todas que actualmente estão a ser chefiadas por mulheres com marido (desde que este esteja ausente a trabalhar fora da aldeia ou na Africa do Sul) ou sem marido (por exemplo viúvas ou divorciadas). Então far-se-á uma distinção entre agregados chefiados por mulheres e agregados chefiados por homens.

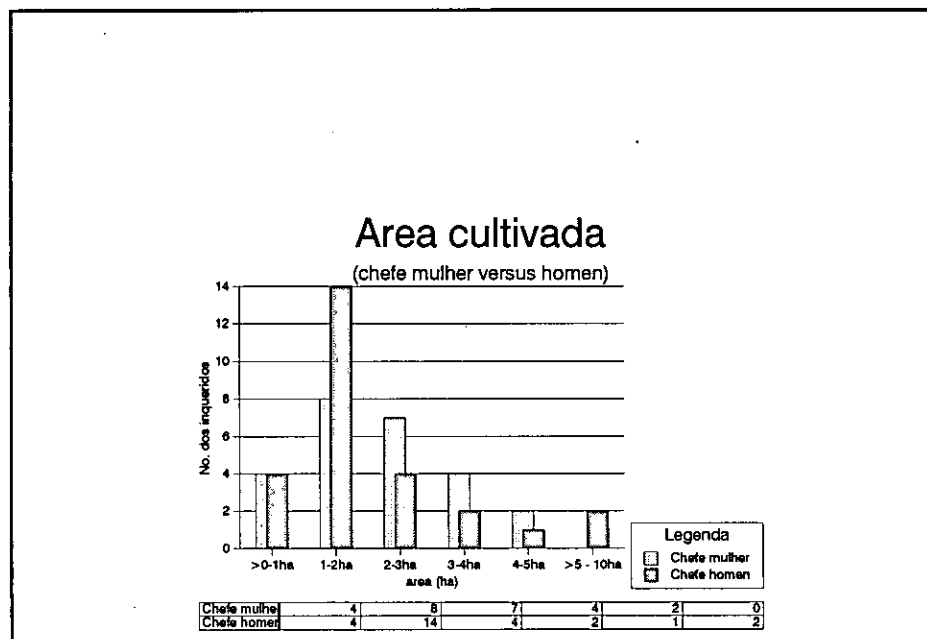


Tabela 4: *Número de agregados familiares chefiados por mulheres e por homens em relação à destruição de terra por hectares.*

Observação: este gráfico representa a área mencionada pelas famílias sem contudo especificar se é a área total disponível ou a área cultivada. Assumiu-se que se trata da área cultivada. Mais existem provas que a área mencionada pelos entrevistados, difere da área realmente cultivada¹.

Da tabela 4 pode-se vêr que a maioria das famílias (58%) têm áreas no intervalo entre 0 e 2 hectares e só duas famílias (4%) chefiadas por homens têm áreas no intervalo entre 5 e 10 hectares.

Algumas formas actuais na aldeia de Djavanhane de obtenção de terra tanto por homens como por mulheres encontradas foram: desbravamento de terras virgens, herança, empréstimo, por casamento ou aluguer.

Quanto ao acesso a terra, 30 camponesas entrevistadas dizem que homens e mulheres têm acesso a terra e 22 entrevistadas dizem que só homens têm acesso a terra.

Todos os aldeões entrevistados não tem título de terra. Ligado ao título de terra, existem 2 opiniões: uns defendem que não precisam porque a terra onde vivem pertencem-lhes á várias gerações mas outros reconheceram a importância desse documento porque dar-lhes-á a garantia de que a terra que ocupam pertence-lhes.

5.6.2 Criação animal

O gado pode ser obtido através de compra, herança, no *lobolo*, remuneração ou oferta e pode ser utilizado pelas famílias que não conseguem obtê-lo através de aluguer, empréstimo, troca por prestação de serviços, "*kuvekela*" (dar/receber os animais de alguém para os criar) entre outras.

Das 52 famílias inqueridas apenas 14 famílias tem gado bovino.

¹. Mais explicações sobre esta questão no trabalho em realização por António da Graça com o tema: "Problemas de recolha de dados primários ao nível do camponês (medição de áreas e rendimentos)".

Nº das famílias	Especie						
	Bois	Burros	Galinha	Cabrito	Coelhos	Porcos	Patos
mulher	7	0	10	5	1	0	9
homen	7	1	16	4	1	3	13
							N=52

Tabela 5: *Número de agregados familiares chefiados por mulheres e por homens que possuem as diferentes espécies animais.*

Das famílias chefiados por mulheres que têm galinhas, 50% tem também cabritos. Das famílias chefiados por homen que tem galinhas 25% tem também cabritos.

Das famílias chefiados pelas mulheres que tem cabritos, 3 famílias (60%) também tem gado. Das famílias chefiados pelos homens que tem cabritos todas (100%) também tem gado. Segundo De Graaf e Pijnenburg (1996) num estudo feito nas aldeias 7 de Abril e Sifo (no mesmo distrito) formularam a hipótese, na base de informações fornecidas pelos camponeses, que uma das formas ou estratégias de acumular gado era por meio de criar galinhas, vendê-las, obter cabritos e depois gado bovino.

Estes dados sugerem que se teste esta hipótese numa escala maior e estudar as diferenças entre as famílias chefiadas pelas mulheres e pelos homens na obtenção do gado bovino.

5.6.3 Utilização da tracção animal

A lavoura das machambas no sector familiar constitui uma preocupação importante para os camponeses, na medida em que, existem muitas dificuldades na disponibilidade e acesso dos tractores por um lado, e por outro, a incapacidade da própria força de trabalho familiar nas actividades agrícolas (mão de obra familiar) (Starkey *et al*, 1989). Daí a importância em abordar a questão tracção animal. Não só, algumas experiências em Moçambique indicam o boi como sendo o mais prático e facilmente treinado pois, além de ser usado para a tracção animal, é usado como capital vivo, e em algumas tradições no sul do país este é usado para o *lobolo*, podendo ser assim um incentivo para a sua criação.

Uma família que dispõe de tracção animal naturalmente poderá cultivar maiores áreas. Consequentemente terá maior produção em relação a uma família que apenas cultiva com a enxada, o que mostra que uma alternativa realista para melhorar a tecnologia e o rendimento seria a aplicação de tracção animal o que contribuiria para o desenvolvimento do chamado sector familiar (Starkey *et. al*, 1989).

Chefe	Tracção			Total
	Tem	Alugam	Não usam	
mulher	5 (20%)	12 (48%)	8 (32%)	25
homen	7 (26%)	14 (52%)	6 (22%)	27 (N=52)

Tabela 6: *Utilização da tracção animal por famílias chefiados por mulheres e por homens.*

Da tabela 6, pode-se dizer que aparentemente não há diferença significativa entre as famílias chefiadas por mulheres ou por homens em relação as famílias que actualmente têm tracção animal própria ou as que alugam.

As camponesas entrevistadas que afirmaram utilizar tracção animal compreenderam 38 famílias o que corresponde a 73%, das quais 17 famílias são chefiadas por mulheres (45%) e 21 famílias são chefiadas por homens (55%); pode-se verificar porém que as famílias chefiadas por homens parecem ter relativamente maior acesso/utilização da tracção animal. De salientar que 14 famílias não dispõem de tracção animal e nem alugam, segundo as camponesas por razões de ordem económicas.

Esta questão de aluguer de tracção animal provavelmente pode trazer constrangimentos aos camponeses no que respeita ao cumprimento dos calendários agrícolas uma vez que as famílias que dispõem de tracção animal para aluguer só o podem fazer depois de lavrar as suas próprias machambas. Então as famílias que alugam tracção animal semeiam mais tarde.

As mulheres casadas com marido ausente (25%) provavelmente recebem dinheiro do marido que facilite o aluguer da tracção animal. Das famílias que não tem e não alugam tracção animal a média de terra cultivada é de 1,96 hectares e as famílias que utilizam tracção animal tem a media de 2,87 hectares. Então pode-se concluir que a utilização da tracção animal facilita o cultivo de uma maior área.

5.6.4 Colheita, Armazenagen e Controlo

Encontrou-se na aldeia dois tipos de colheita:

- A colheita que é feita diariamente durante as actividades agrícolas e que consiste em colher apenas pequenas quantidades de hortaliça (exemplo: folhas e vagens de feijão nhemba, cacana...) e/ou maçarocas para fazer a refeição diária.
- A colheita (no verdadeiro sentido) que consiste em colher "grandes" quantidades de culturas como o milho ou feijão nhemba quando estes atingem a maturação de colheita. Estes produtos agrícolas são armazenados em celeiros tradicionais como por exemplo a tradicional palhota suspensa por troncos de árvores, garrafões, latas, sacos ou mesmo espalhados no chão dentro das casas. Segundo Observações no campo e dados colhidos durante as entrevistas informais das 52 famílias entrevistadas 50% têm o tradicional celeiro onde armazenam a colheita e as restantes famílias armazenam por outros métodos. Antes de armazenarem os produtos agrícolas como o milho ou o feijão nhemba teve-se a oportunidade de observar que estes têm o cuidado de verificar se estão de facto prontos a colher para armazena-los e conservam o feijão dentro das vagens e o milho com camisa porque dizem que oferece de certa forma resistência ao ataque de pragas como o gorgulho e os ratos.

Segundo dados obtidos das entrevistas as mulheres da aldeia o controlo dos produtos da colheita aparentemente é feito pelas mulheres (81%).

5.7 As categorias de situação familiar

Encontrou-se na amostragem 6 categorias de situação familiar que são:

Categoria	nº
casada com marido ausente (Cma)	9
casada com marido presente (Cmp)	22
poligamia com marido ausente (Pma)	4
poligamia com marido presente (Pmp)	5
divorciadas (D)	2
viúvas (V)	10
Total	52

Tabela 7: As categorias de situação familiar

Asseguir apresenta-se uma descrição de cada grupo mencionado acima.

5.7.1 A categoria das casadas com marido ausente (9)

Estas famílias parecem ter áreas em média de 2,1 hectares. Deste grupo 22% dispõem de tracção animal (gado próprio) e 45% alugam tracção animal e 33% não dispõem de qualquer espécie animal.

A maior parte das decisões sobre a vida socio-económico neste grupo parece ser feita pelos sogros (56%) e o restante é feito pela própria mulher ou por um filho. 78% destas famílias são contra a poligamia, sendo 78% a favor do *lobolo*, 11% contra o *lobolo* e a restante família (11%) não têm opinião formada sobre estes aspectos sociais.

As casadas com marido ausente tem áreas relativamente iguais às casadas com marido presente, apesar de haver uma família que dispõe de apenas 0,5 hectares de terra, provavelmente por não ser natural desta aldeia. Embora o marido se encontrar ausente não há grande diferença em relação as casadas com marido presente.

Na ausência do marido são geralmente as mulheres (em colaboração com os sogros) que tomam as decisões no lar (*Women Managed Households*). Algumas famílias têm o próprio lar mas sob vigilância da sogra ou sogro, ou podem viver em casa da família do marido mas as decisões tomadas pelas mulheres são orientadas pelo sogro ou sogra ou mesmo por um cunhado.

5.7.2 A categoria das casadas com marido presente (22)

Estas famílias parecem ter áreas em média de 2,2 hectares. 18% destas famílias dispõem de tracção animal, 55% alugam tracção animal e 27% não tem e não aluga tracção animal. Em relação a pecuária 18% das famílias têm gado, 46% tem outras espécies animais (cabritos, patos, galinhas) e 36% não dispõem de qualquer espécie animal.

A tomada de decisões nestes lares parece estar a cargo do homen (100%). Isto implica que todas as decisões são feitas pelo homen e em alguns casos nem sequer consultam as mulheres sobre as decisões a tomar pois pensam que têm o poder absoluto dentro da família. 73% destas famílias são contra a poligamia. 36% são a favor do *lobolo*, 14% são contra o *lobolo* e as restantes 50% destas famílias não têm opinião formada sobre estes aspectos sociais.

5.7.3 A categoria de poligamia com marido ausente (4)

Estas famílias parecem ter áreas em média de 3,3 hectares. 50% destas famílias dispõem de tracção animal e 50% alugam tracção animal. Em relação a pecuária 50% destas famílias dispõem de gado próprio, 25% só cria patos e 25% não tem qualquer espécie animal.

A tomada de decisões nestes lares parece estar a cargo da mulher (50%) ou da sogra (25%) ou ainda de um filho (25%). Todas as mulheres estão a favor da poligamia (100%), 50% destas família estão a favor do *lobolo*, 25% estão contra o *lobolo* e 25% não têm opinião formada sobre estes aspectos sociais.

5.7.4 A categoria de poligamia com marido presente (5)

Estas famílias parecem ter uma média de 4,9 hectares. De salientar que 2 famílias neste grupo têm machambas com dimensões entre 8 e 10 hectares, o que possivelmente fez com que a média seja relativamente alta em relação as outras categorias. Destas famílias 60% dispõem de tracção animal e 40% alugam tracção animal. Em relação a pecuária 60% destas famílias tem gado próprio, 20% têm porcos e 20% tem pequenas espécies animais como patos e galinhas.

A tomada de decisões nestes lares parece estar a cargo do homen (100%). 60% das mulheres estão a favor da poligamia e 40% são contra. 40% das mulheres deste grupo são a favor do *lobolo* e 60% não têm opinião formada sobre este aspecto social.

A categoria das viúvas têm terra provavelmente suficiente para cultivarem. Possivelmente herdadas do marido e utilizam tracção animal (70%), dando uma ideia de serem um grupo não menos preveligiadas apesar da sua condição social.

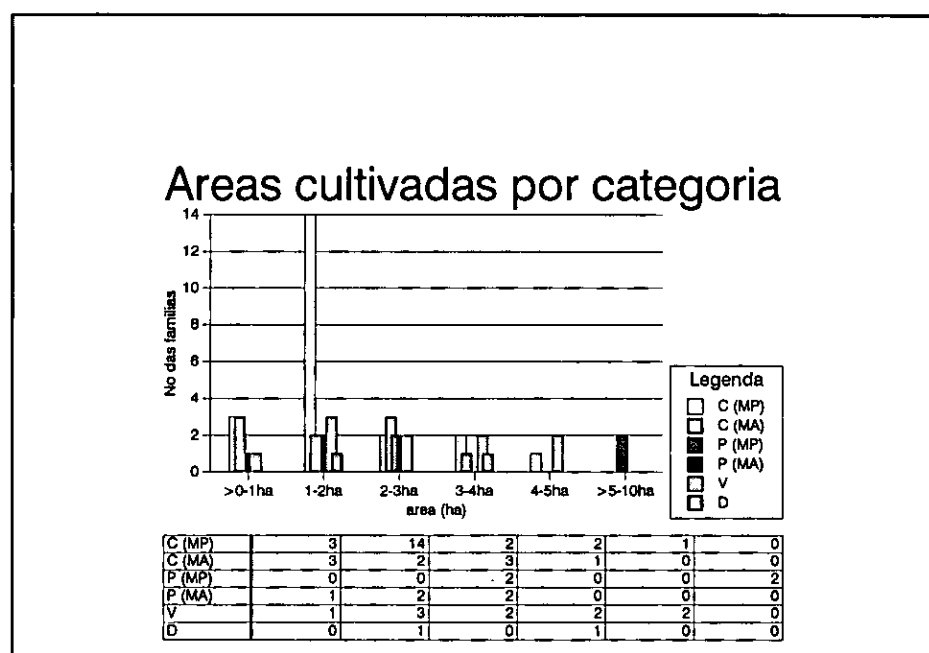


Tabela 8: *Resumo das áreas mencionadas por subcategorias de famílias.*

A tabela 8 representa a distribuição da área cultivada por família em relação a situação familiar, sem especificar se é a área cultivada ou a área total mencionada. Pode-se vêr que as viúvas estão enquadradas em maior número no intervalo de terra compreendido entre 2 e 5 hectares possivelmente herdada do marido o que presuppõe que elas também têm acesso a terra. Pode-se vêr também 2 famílias na posição de poligamia com marido presente com terra no intervalo entre 5 e 10 hectares, uma destas famílias tem marido que trabalhou na Africa do Sul e a outra tem um filho na Africa do Sul e são famílias que tem gado bovino. As divorciadas estão enquadradas no intervalo de terra entre 2 e 4 hectares, estando por isso dentro do intervalo onde se regista maior número de agregados familiares o que pode nos levar a pensar que contrariamente ao que se podia pressupôr, a categoria das divorciadas não são marginalizadas em termos de acesso a terra.

A categoria "poligamia com marido presente" provavelmente têm maior número de famílias com tracção animal (60%) em relação as famílias da categoria poligamia com marido ausente (50%). Embora representar uma pequena diferença, um factor que contribui para esta diferença pode ser pelo facto de os homens pertencentes a categoria de poligamia com marido presente terem trabalhado na Africa do Sul ou fora da aldeia e conseguiram acumular alguns bens para a família.

Os polígamos parecem ter alguns recursos e a vida relativamente estável. Têm a tendência de trazer para casa mais mulheres para o ajudarem a cultivar mais machambas. Este fenómeno constitui um aspecto sócio-económico. Dentro destas categorias a maioria parecem estar á favor da poligamia por razões que vem explícitas na pagina 48.

5.7.5 A categoria das divorciadas (2)

Estas famílias parecem ter uma média de 3 hectares. Nenhuma delas dispõem de tracção animal e também não alugam tracção animal e não têm qualquer espécie animal. A tomada de decisões nestes lares parece estar á cargo das mulheres (100%). As duas famílias são contra a poligamia e contra o *lobolo* por razões que passo a descrever ainda dentro deste capítulo (pag. 48-49).

Durante o desenrolar dos inqueritos encontrou-se 2 famílias em que a mulher se encontrava na situação de divorciada. Uma sente-se melhor assim pois afirma que o marido não sabia lhe dar o respectivo valor e respeito. A outra diz que vive a custa do gênero e da irmã (que tomam as decisões deste lar) e não consegue cultivar os 4 hectares de terra que dispõe por não ter meios de produção suficientes. Não têm criação animal.

5.7.6 A categoria das viúvas (10)

Estas famílias parecem ter uma média de 2,9 hectares, 10% destas família dispõem de tracção animal, 60% alugam e 30% não têm e não alugam tracção animal. Em relação a pecuária 10% destas família tem gado próprio, 50% têm pequenas espécies animais como patos e galinhas e 40% não tem qualquer espécie animal. A tomada de decisões nestes lares parece ser feito pelas mulheres (50%), filhos mais velhos (40%) e sogra (10%), parecem ser contra a poligamia (80%). 20% são contra o *lobolo*, por razões que apresentam-se ainda dentro deste capítulo (pag. 49).

5.8 Aspectos comunitários e sociais

Aqui trata-se de vários aspectos sociais dentre os quais as categorias de situações familiares encontradas na aldeia de Djavanhane, suas diferenças e semelhanças, as relações que possam existir entre as famílias chefiadas por mulheres e as chefiadas por homens em relação a distinção: fala nas reuniões ou não fala nas reuniões (o que significa o poder das mulheres de exprimir ou não a sua opinião nas reuniões da aldeia no processo de resolução/abordagem de um determinado assunto), (assumindo). Isto poderá dar-nos uma indicação sobre a liberdade de expressão de cada grupo de mulheres e suas relações com a sociedade comunitária e também uma indicação sobre a visão actual das mulheres da aldeia de Djavanhane acerca da poligamia e do *lobolo*, podendo servir como referência para a integração dum destes grupos num projecto de desenvolvimento.

Chefe da família	Participação		
	Sim	Não	Total
mulher	4 (16%)	21 (84%)	25
homen	13 (48%)	14 (52%)	27
Total	17 (33%)	35 (67%)	52 (N)

Tabela 9: *Número de agregados familiares chefiados por mulheres e por homens que falam nas reuniões.*

Da tabela 9 pode-se vêr que da amostragem de 52 famílias entrevistadas 67% destas famílias não falam nas reuniões comunitárias apesar de as frequentarem, contudo parece que as famílias chefiadas por mulheres falam menos (84%) nas reuniões em relação as famílias chefiadas pelos homens (52%), provavelmente porque as mulheres que não têm consigo o marido tenham receio de opinar sobre determinado assunto sem ter consultado o marido, e talvez pensem que só o marido tem a responsabilidade de tomar decisões como se constatou.

	Poligamia	Lobolo
A favor	17 (33%)	43 (83%)
Contra	24 (46%)	9 (17%)
Não sabe	11 (21%)	0 (0%)
Total	52 (100%)	52 (100%)

Tabela 10: O número de agregados familiares chefiados por mulheres que estão contra e a favor da poligamia e do lobolo.

O lobolo e a poligamia são dois fenômenos sócio-culturais encontrados na aldeia. O lobolo é uma forma de casamento tradicional que consiste em "pagar" aos familiares da mulher determinada soma em dinheiro e/ou gado entre outros bens materiais (variável de família para família). Contudo é um acto que parece estar a perder frequência principalmente por razões económicas uma vez que os jovens rapazes e seus familiares normalmente não conseguem adquirir os bens materiais exigidos pelos familiares da mulher. Uma forma de resolver este constrangimento encontrada na aldeia de Djavanhane é, o jovem leva a mulher para a sua casa na promessa de pagar ao longo do tempo a quantia estabelecida pelos familiares da mulher.

A poligamia é um fenómeno que consiste em fazer lobolo a duas ou mais mulheres. É um acto que aparentemente tem vindo a ser mais usado principalmente junto da população camponesa. Está relacionado a questões sócio-económicas; isto é pode fazer com que a área cultivada dentro da família aumente (cada mulher tem a sua machamba), diminui a sobrecarga do trabalho das mulheres através da divisão das tarefas, entre outras. Contudo ás mulheres que se juntam a estes lares devem ser obdientes e sujeitarem-se ás ordens da primeira mulher.

5.8.1 As razões mencionadas para serem á favor da poligamia (não em ordem da importância) são as seguintes:

- Razões sócio-económicas,
- Porque em caso de doença da primeira mulher, a segunda mulher poderá ir a machamba e fazer os trabalhos domésticos,
- Divisão das tarefas diárias entre as mulheres o que implica diminuição da sobre-carga do trabalho,
- Algumas mulheres sentem-se prevelegiadas por estarem nestes lares.

6. Estudo de caso

A família Macamo é composta por 7 elementos. O pai, António Macamo (55 anos), a mãe Lúcia Tui (54 anos), o filho na Africa do Sul (30 anos), as filhas Marta (27anos), Custódia (16 anos), Jordina (14 anos) e Miséria Macamo (10 anos).

A casa desta família é composta por 5 palhotas (uma que serve de quarto para os pais, uma que serve de quarto para as filhas, uma que era o antigo quarto do filho (que na altura se encontrava na Africa do Sul), uma serve como cozinha, e outra serve como igreja tradicional, onde rezam e comunicam com os seus antepassados (*Timanba*)), um quarto de banho feito de caniço sem latrina, 1 celeiro, 2 capoeiras em que uma é para patos e outra para galinhas (que já não as tem, pois morreram com uma epidemia que assolou a zona). Tem três patos, um macho e duas fêmeas com crias mas são de alguém que lhes pediu para guardar (*Kuvekela*) e deles tem uma pata que estava a chocar os ovos, tem três cabeças de gado (1 vaca e 2 vitelos) que estão na casa do irmão do senhor Macamo e tem também dois gatos na casa que ajudam a caçar os ratos (principalmente quando colhem o milho).

Tem uma árvore grande de canhú no quintal da casa que lhes serve de sombra e uma pequena machamba em redor da casa que tem as seguintes culturas: milho, feijão nhemba, mandioca e ramas de batata doce (que se encontram num viveiro para garantir estacas para plantarem na época das chuvas na zona baixa), cacana, melância, feijão cuteleno e algumas papaeiras e de canhueiros mas ainda pequenos.

A casa desta família está na serra (solo arenoso, *nthava*). A família tem 2,5 hectares de terra divididas em 4 machambas (2 machambas são da filha Marta e as restantes 2 machambas são dos pais) e a mãe ainda tem uma outra machamba em Mananga (com cerca de 1,5 ha e que se encontra a duas horas de caminhada a pé). Para irem a machamba, normalmente levam 45 minutos a ida e 45 minutos de volta.

5.8.2 As razões mencionadas por serem contra a poligamia (não em ordem da importância):

- Há contradições entre as mulheres dentro do mesmo lar por terem que se submeter às ordens da primeira mulher,
- Sentem-se como "objecto" nas mãos da primeira mulher:
 - Não têm liberdade de expressão,
 - Não podem ter vontade própria.
- Ciúmes: um homem só tem um coração.

5.8.3 Razões mencionadas por serem a favor do lobolo:

- O lobolo pode ser utilizado como uma fonte de rendimento para a família (como por exemplo obtenção de gado ou dinheiro); (razões sócio-económicas).
- É uma forma de compensar aos pais da noiva por a terem feito, criado e educado para se submeter às ordens do esposo; (razões sócio-económicas).
- Tráz vantagens para os pais da noiva e para os seus defuntos porque faz-se cerimónias tradicionais através do dinheiro recebido no acto do lobolo para "comunicar" o casamento aos seus antepassados; (razões culturais).
- É tradição; (razões culturais).
- Algumas mulheres concordam a ponto de serem elas próprias a pedirem ao marido para fazerem lobolo a outra mulher para a ajudar nos trabalhos do lar e da machamba; (razões económicas).

5.8.4 Razões por serem contra o lobolo:

- Rejeitam o lobolo porque não sabem qual vai ser o futuro da jovem mulher no novo lar; sentindo-se bem ou mal terá que ficar no lar porque foi lobolada,
- Alguns pais rejeitam o lobolo porque terão que reembolsar o dinheiro e/ou gado se a filha quiser voltar para a casa e por vezes estes já não o têm para devolver; (razões económicas)
- Algumas mulheres dizem que o melhor lobolo é a mulher ir para o lar só por amor e apenas fazer-se um lobolo simbólico por exemplo darem algum dinheiro só para a cerimónia e não "vender a filha".

As actividades agrícolas nas machambas são divididas da seguinte maneira:

a mãe e o pai trabalham nas suas machambas que se encontram em *nhaca*, a mãe trabalha só na machamba que se encontra em *mananga* e Marta cultiva sozinha as suas machambas.

Quando chega a época da colheita a produção pode ter 2 destinos:

- Se a colheita fôr pobre junta-se toda a produção no único celeiro da casa e esta servirá unicamente para o consumo da família.
- Se fôr um ano com uma colheita abundante, Marta e os pais dividem a produção em duas partes; uma parte para pôr no celeiro e uma outra parte para venda, e o dinheiro obtido normalmente é usado para a compra de outros produtos alimentares e roupa para a família.

O dia a dia da família Macamo resume-se no seguinte: As 5 horas da manhã, o pai, a mãe e a filha Marta vão a machamba e regressam por volta das 11 horas. Em casa fica a Jordina, Custódia e Miséria que ficam a fazer os trabalhos de casa como ir buscar água ao poço, varrer, rachar a lenha, lavar louça e outros trabalhos. Quando os pais regressam da machamba (com verduras como *guche* e folhas de feijão nhemba e lenha), as filhas põem água na casa de banho para os pais se lavarem, preparam e servem o pequeno almoço que é constituído pelo resto do jantar anterior, e quando tem servem chá com pão.

Depois do pequeno almoço que é normalmente as 12 horas o pai mantém-se sentado durante a tarde toda a espera que venha um convite dos vizinhos para ir tomar bebidas alcoolicas tradicionais. Quando tem em casa a bebida pronta também convida os vizinhos. A mãe prepara a bebida de canhú durante a tarde, as filhas, Custódia, Jordina e Miséria saem com sacos para irem apanhar os frutos de canhú e aproveitam trazer lenha que encontram no caminho.

As 15 horas Custódia e Jordina começam a preparar o jantar. Pilam o milho, para pôr de molho para o dia seguinte e moem o que já havia sido posto no dia anterior para fazer a *upswa*, e fazem também o acompanhante.

A Marta normalmente não faz muitos serviços de casa pois ela está vocacionada para o negócio do pão, pois é membro da associação que recebe crédito do projecto FML. Pelo menos duas vezes por semana, ela vai para Chibuto comprar um saco de trigo, sal e fermento para fazer o pão.

Marta amassa a farinha normalmente depois de jantar e no dia seguinte acorda por volta das 3 horas e 30 minutos da manhã para assar o pão e as 6 horas já tem o pão feito para levar ao mercado (nos dias em que não vai a machamba). Segundo a própria Marta o negócio do pão quando corre bem dá-lhe o rendimento aproximado a 100.000,00 Mt em 4 a 5 dias.

Janta-se aproximadamente as 18 horas. Depois de jantar conversam um pouco e deitam-se por volta das 20 horas.

No tempo de frutos com que fazem bebidas tradicionais (como era o caso da época do canhú), o senhor Macamo sai pelas 19 horas para ir beber canhú nas casa dos vizinhos e so volta perto das 21.30 horas.

A tabela 10 na página seguinte representa um dia tipo da família Macamo. As horas e as respectivas actividades não são rígidas; podem variar conforme as épocas do ano.

Horas	Actividades		
	Pai	Mãe	Filhas
05.00	Vai a machamba	Vai a machamba	J,C,Mi: dormem M: vai a machamba
06.00 10.00	Machamba	Machamba	J,C,Mi: tiram água, varrem, racham a lenha, lavam a loiça, lavam a roupa e fazem outras actividades domésticas. M: machamba
10.45- 11.30	Regressa a casa, guarda a enxada. lava o corpo	Regressa a casa, separa as hortícolas que colheu na machamba. Depois lava o corpo.	M: regressa a casa e ajuda as irmãs nas tarefas domésticas
12.00	Pequeno almoço	Pequeno almoço	Servem e tomam o pequeno almoço
12.30	Sentado	Começa a preparar bebidas tradicionais	Lavam a loiça do pequeno almoço, ajudam a mãe a preparar a bebida
13.30	Sentado	Prepara as bebidas tradicionais	J,C,Mi: vão procurar lenha, apanhar frutos do canhueiro. M: vai ao mercado vender pão.
15.00	Sentado	Prepara bebidas tradicionais	J,C,Mi: regressam a casa com lenha e frutos do canhueiro e começam a preparar o jantar
16.00	Sentado	Termina de preparar as bebidas	J,C,Mi: preparam o jantar M: regressa do mercado
18.00	Sentado	Sentada	Servem o jantar
19.30	Vai aos vizinhos beber	Sentada	M: amassa a farinha para fazer o pão
20.00	Está nos vizinhos a beber	Dormir	Dormir
21.30	Regressa a casa	Dormir	Dormir
03.30	Dormir	Dormir	M: acorda para assar o pão
05.00	Vai a machamba	Vai a machamba	J,C,Mi: Aina dormem M: assa o pão
06.00	Machamba	Machamba	J,C,Mi: acordam para fazer as tarefas domésticas M: vai ao mercado vender o pão

Legenda: M - Marta; J - Jordina; C - Custódia; Mi - Miséria.

Tabela 10: Resumo das actividades diárias da família Macamo.

7. Conclusões e recomendações

7.1 Conclusões

Os aldeões de Djavanhane são maioritariamente regressados, sofreram os efeitos da guerra e perderam parte considerável dos seus bens materiais. A falta de meios de produção, falta de mão de obra, chuvas irregulares, entre outros, tornaram a situação de segurança alimentar fraca. Consequentemente o fluxo de recursos aparece bastante limitado fazendo com que a população sobreviva em precárias condições. Uma das estratégias de sobrevivência que as famílias encontraram é o corte e venda de lenha e criação e venda de pequenas espécies animais.

As instituições como a DDA enfrentam problemas para a assistência dos camponeses como a falta de transporte. O projecto FML está a trabalhar em várias aldeias em Guijá. Inicialmente trabalhavam na área de ajuda de emergência mas gradualmente entraram para o processo de desenvolvimento da região, mas parece que ainda não têm um programa que enfoque o papel da mulheres, as principais produtoras, o que nos leva a concluir que as mulheres estão marginalmente integradas nos projectos de apoio, apesar de algumas mulheres já beneficiarem do crédito cedido pelo projecto FML.

È notável a presença da mulher nas actividades agrícolas, criação de pequenas espécies animais, actividades domésticas e em aspectos comunitários, o que torna importante uma atenção especial e apoio nas diversas áreas para tornar possível o desenvolvimento na aldeia.

As mulheres na aldeia de Djavanhane jogam um papel muito importante na segurança alimentar da família, nas actividades de produção e reprodução. Têm menos importância em aspectos comunitários como por exemplo participam menos nas reuniões. A tomada de decisões é feita pelos homens por tradição, o que nos pode levar a concluir que as mulheres vivem numa sociedade dirigida pelos homens.

A mulher camponesa não tem sido considerada directamente como grupo alvo das acções da rede de extensão e pelo projecto FML porque falta metodologia que ajude a melhorar a participação da mulher no processo de desenvolvimento.

Pouca consideração pelos anseios da mulher camponesa e pelo o que ela identifica como necessidades para melhorar o seu nível de vida.

Encontrou-se na aldeia 6 categorias de situações familiares, de salientar: casadas com marido presente, casadas com marido ausente, poligamia com marido presente, poligamia com marido ausente, divorciadas e viúvas; com variações dentro da mesma categoria. Não encontrei mulheres na situação de solteira. Viúvas também têm acesso a terra, tracção animal e outros recursos e dão a ideia de não serem menos privilegiadas em relação às mulheres de outras categorias.

É difícil fazer análises concretas sobre aspectos de género porque estas estão ligadas as diversas razões sociais; (históricas, culturais, religiosas, económicas etc.).

O *lobolo* é tido como um acto muito importante na aldeia porque está ligado sobretudo a aspectos económicos que permitem a acumulação de bens materiais para a subsistência da família.

A poligamia é um aspecto sócio-económico importante encontrado na aldeia e que está cada vez mais a verificar-se sobretudo por estar ligado a obtenção da mão de obra para a família; (mais mulheres e mais filhos implica mais machambas cultivadas), Embora existirem mulheres que estão contra, á favor e outras sem opinião formada sobre estes aspectos sociais.

7.2 Recomendações

É preciso prestar apoio as mulheres integradas no desenvolvimento agrícola e comunitário da aldeia através das Organizações Não Governamentais sediadas no distrito de Guijá, em especial o projecto FML. Para o projecto fazer com que os homens e mulheres participem igualmente tem que providenciar benefícios iguais para os homens e mulheres principalmente se os objectivos e as suposições são examinadas á luz do perfil de actividades, perfil de acesso e controle, necessidades

práticas e interesses estratégicos o que pode ser feito através da colocação de prioridades para a participação equitativa dos homens e mulheres no projecto.

Para o projecto tornar mais eficaz as suas actividades de extensão seria conveniente incluir mulheres como extensionistas pois estas possivelmente conseguiriam melhor intervenção com as mulheres na aldeia, como sugere Swanson *et al.* (1991).

Recomendo que se teste a hipótese (da obtenção de gado bovino através de criação e venda de galinhas) com as mulheres porque as mulheres são provavelmente responsáveis pela criação de pequenas espécies animais.

Algumas propostas para melhorar o nível de vida das mulheres camponesas:

- Realizar acções que visem melhorar as condições sócio-económicas das mulheres,
- Facilitar o acesso das mulheres á educação (alfabetização para adultos) e a tomada de decisões.
- Promover actividades que sejam fonte de receitas; como por exemplo costura, olaria, ... e ensinar a mulher a gerir os fundos das receitas, como por exemplo na aplicação de meios de produção.
- Incentivar sistemas de produção que aumentem as receitas da família como por exemplo fazer com que estas aceitem novas tecnologias.
- Sensibilização dos homens e mulheres através de jogos demonstrativos ou teatro.

Recomendo ainda que sejam feitos os seguintes estudos para servirem de complemento e responderem a hipóteses abertas com este estudo.

- Estudo das actividades e alocação do tempo gasto pelas mulheres nas actividades diárias e comparação entre família chefiadas por mulheres e por homens no sector familiar em várias aldeias no distrito de Chockwé.

- Estudo na área do crédito formal e informal para melhor organização e intervenção dos projectos como o FML num programa de crédito para mulheres e homens que estimule a produção agrícola.
- Estudo sobre a distinção da área mencionada pelo camponês e a área real.
- Análise da diferença entre famílias chefiadas por mulheres e por homens na estratégia de obtenção de gado por meio de criação de galinhas.
- Estudos sobre o *lobolo* e poligamia como sendo fenómenos sócio-culturais e desvendar a significância destes conceitos em relação a posse de terra, acesso aos recursos, entre outros.

8. Avaliação e lições

A metodologia de trabalho usada foi baseada no modelo de Swift o qual ajudou na elaboração de um guião que nos orientou nas entrevistas informais feitas aos camponeses/as e deu-nos uma visão geral da situação agrícola da aldeia (processos de produção, consumo, venda/troca de produtos, assim como o fluxo de recursos).

Ficar hospedada numa família no campo foi uma experiência aconselhável para estudantes que façam trabalhos semelhantes a este porque dentro da família é possível estudar e compreender passo a passo o trabalho diário vivido por uma família camponesa, as dificuldades que enfrentam, as estratégias de sobrevivência que utilizam, o comportamento e o seus anseios. Com este estudo conseguiu-se fazer um pequeno estudo de caso da família Macamo.

Durante a recolha de dados no campo foi possível perceber que em pesquisas que se fazem inquéritos formais ou informais principalmente as que abordam aspectos sociais devem ser feitos com tempo não limitado para nos tornarmos familiares aos camponeses e fazer com que estes vençam a barreira criada pelo facto de sermos desconhecidos e estranhos ao ambiente.

Os camponeses têm receio de ceder informações a pessoas estranhas e já se constatou que a informação dada muitas vezes não corresponde a real. Sobretudo quando se trata de pessoas ligadas a instituições, estes pensam que se trata de dar ajuda aos camponeses por isso dizem que têm poucos bens e que vivem muito mal e nem sempre corresponde a verdade. Consequentemente não é conveniente num inquérito formal ou informal aos camponeses fazer perguntas sobre quantidades sobretudo no que diz respeito aos bens que o camponês dispõe porque no pensamento deste viram perguntas como porque ele quer saber isto? O que fará com esta informação? Será que me vai tirar alguns bens por achar que são muitos?

Bibliografia

- Baltazar, F. (1994). Mulher em situação difícil e a sua educação no desenvolvimento, em: "Eu mulher em Moçambique." UNESCO-CNUM-AEMO, Maputo.
- Bazima, A. (1992). "Eu mulher e desenvolvimento". A mulher na realização do direito ao desenvolvimento, em: "Eu mulher em Moçambique". UNESCO-CNUM-AEMO, Maputo.
- Beall, J. (1992). Raça, classe e gênero. DPU, UCL, Londres.
- Boon, A., Chidiassamba, A. Engelen, A., de Graaf, J. (1994). Resultados do diagnóstico Rápido nos distritos de Guijá e Mabalane. Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal, Maputo.
- Casimiro, I. (1994). Situação legal da mulher perante o direito a alimentos, em: "Eu mulher em Moçambique". UNESCO-CNUM-AEMO, Maputo.
- De Abreu, A., Salomão, A. (1995). A mulher no caminho da democracia, em: "Moçambique Eleições Democracia e Desenvolvimento". Primeira edição, Maputo.
- De Graaf, P. J. e Pijnenburg, B. (1996). Farming Systems and Survival Strategies of Farm Households in two villages in Guijá district. Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal, Maputo, Mozambique.
- Dos Muchangos, L. (1996). A dimensão do género em Moçambique. INIA - CFA, Maputo.
- Dos Muchangos, L. e Valles, M. (1996). Género e Ambiente. A gestão ambiental doméstica. INIA - CFA, Maputo.
- Drinkwater, M. (1994). Developing interaction and understanding: RRA and farmer research groups in Zambia (pp 133-139) em: "Scoones and Thompson (eds) (1994) Beyond Farmer First: Rural people's knowledge, agricultural research and extension practice" IT Publications, UK.
- Feldstein, H., Poats, S. (1989). Working Together, Gender Analysis in Agriculture. vol. 1 e 2. Kimarian Press. USA.

- FML (1995). Documentos internos do projecto sobre o perfil da aldeia.
FML (Federação Mundial Luterana), Chóckwé.
- Hildebrand, P., Poats, S., Walecka, L. (sem data). Introdução á pesquisa e extensão de sistemas agropecuários.
- Liberman, G. (1989). Agricultura, Mulher e Extensão Rural. D.N.D.R - U.N.I.C.E.F. (WIRD), Maputo.
- Moser, C. (1989). "Gender planning in the third world: Meeting practical and strategic gender needs" in world development. vol 17, nº 11.
- Pijnenburg, B.; Manja, De Graaf, J. (1996). Resultados de um estudo diagnóstico em três aldeias no distrito de Chóckwé. Com enfoque na distribuição das sementes de Mapira e Meixoeira e o papel das mesmas no sistema de produção. FAEF, Maputo.
- Starkey, P.; Mwenya, E., Stares, J. (1994). Improving Animal Traction Technology: Animal traction network for eastern and southern Africa.
CTA.
- Swanson, B.; Roling, N, Jiggins, J. (1991). Estratégias da extensão para a utilização da tecnologia, em: (Swanson ed.) "Extensão Rural", capítulo 6, segunda edição, FAO.
- Washington, D. C (1990). A situação e a condição da mulher a nível internacional, em "Eu mulher em Moçambique." UNESCO-CNUM-AEMO Maputo.
- Zucula, M. (1994). Aspectos sócio-culturais relacionados com a frequência escolar das raparigas em Moçambique, em "Eu mulher em Moçambique".
UNESCO-CNUM-AEMO, Maputo.

Anexo 1: Guia das perguntas

ASPECTOS SÓCIO-ECONÓMICOS

(reprodução e aspectos comunitários)

- Nome, número do agregado familiar e situação familiar.
- Tem marido presente?
- Indicar o chefe do agregado familiar.
- Quais os factores que inibem o desenvolvimento das mulheres.
- Quem toma as decisões nos agregados chefiados por mulheres?
- Qual o sistema tradicional de crédito existente na região e como funciona?
- Estão informados sobre o sistema de crédito do projecto Federação Mundial Luterana?
- Quais as opiniões de homens e mulheres sobre as dificuldades das mulheres e sobre o dinheiro que ganham.
- Que tipo, e como é feita a divisão do trabalho entre mulher, homens e crianças?
- Quais as dificuldades da reintegração na aldeia?
- Explorar o conceito TSIMA.
- Quais as actividades de rendimento da família?
- Qual a posição das mulheres na sociedade? e em relação aos homens?
- Quais são os recursos disponíveis? quem controla?
- Quem toma as decisões? sobre tracção animal, culturas, crianças, gado, dinheiro, etc.
- Como conseguem dinheiro e quais os produtos que compram?
- Porquê está aqui nesta aldeia e não procura outra aldeia?
- Mulheres têm acesso a terra, mão de obra, gado, informação, serviços de apoio?
- Tem religião?
- Ajudam-se umas as outras?
- O que as mulheres acham sobre a poligamia? e *Lobolo*?
- Têm medo de falar nas reuniões? porquê?
- Têm título de terra?
- Qual o papel da mulher na sociedade?

ACTIVIDADES DE PRODUÇÃO (Agrícola e outras)

- Quantas machambas tem? (por cada membro da família)
- Quais as tarefas agrícolas?
- Quais as outras tarefas?
- Como faz a preparação da machamba?
- Que culturas tem? porquê?
- Quantas vezes semeia/ano?
- Como conseguem sementes?
- Quais os meios de produção que dispõem?
- Têm celeiro? o celeiro tem comida?
- Tem água para o consumo? e a que distância se encontra?
- Quais os pratos básicos da alimentação da família? e quanto tempo levam a preparar?
- Quem controla e armazena os produtos agrícolas?
- Se não tiver colheita o que vai comer?
- Têm recebido ajuda de projectos locais?
- Quais as árvores de frutos que tem?

PRODUÇÃO ANIMAL

- Tem gado? conhece pessoas com gado? tem outras espécies animais? quais?
- Qual o papel do gado nos trabalhos agrícolas realizados pelas mulheres?
- Tem acesso a tracção animal?